

REVISTA

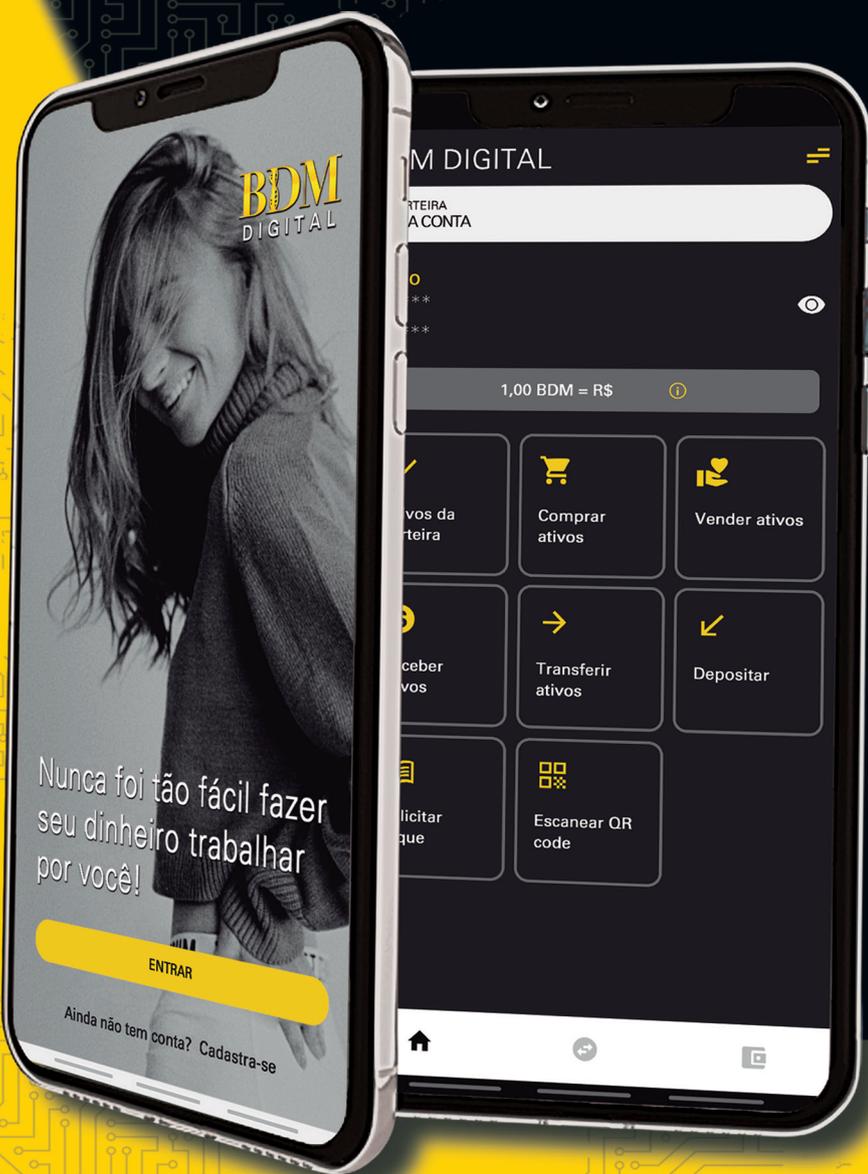
NÚMERO 30 . ANO 5 - SETEMBRO DE 2023

ENIGMAS

A história suprimida de uma imensa área que equivale a 8% de todas as terras do mundo, pode ser a maior evidência de manipulação das narrativas sobre o passado.

O IMPÉRIO DA TÁRTARIA

JÁ BAIXOU O NOVO APP?



**NUNCA FOI
TÃO FÁCIL
FAZER O SEU
DINHEIRO
TRABALHAR
POR VOCÊ!**

BDM É O MEIO DE PAGAMENTO QUE VALORIZA!
Ideal para o seu negócio e para a sua vida.

Para mais informações utilize o Chat disponível
em nosso site ou ligue: (67) 99900.9991

INSTALE AGORA
ESCANEE O QR CODE AO LADO
É RÁPIDO, FÁCIL E SEM CUSTO!



MÚMIAS DE NAZCA NO CONGRESSO MEXICANO

No dia 12 de setembro de 2023, aconteceu uma surpreendente Audiência Pública no Congresso do México. Nesse dia, as “Múmias de Nazca”, pesquisa que acompanhamos desde a primeira edição da Enigmas, foram apresentadas aos parlamentares mexicanos.

Entretanto, da mesma forma rápida com que a Audiência Pública causou impacto até na imprensa oficial, ela sumiu. Aqui no Brasil, diversos canais do YouTube, com apresentadores despreparados e sem conhecimento sobre o assunto, divulgaram uma série de desinformações que diminuíram o alcance e a confiança do público.

Por esse motivo, não temos outra pesquisa científica com os mesmos dados para compararmos. Ao invés de youtubers que se dizem divulgadores científicos pressionarem instituições acadêmicas a comprovarem cientificamente que as múmias são uma fraude, o que vimos foi a destruição, aqui no Brasil, das supostas evidências com risos e sofismas.

Fiz um resumo das principais alegações feitas no Congresso do México pela equipe de cientistas que analisou ‘in loco’ essas múmias:

O vídeo apresentou uma série de discussões e descobertas relacionadas a corpos não humanos encontrados no Peru, especificamente as múmias de Nazca. Estes são os pontos-chave:

Impacto Cultural: A descoberta dessas múmias tem reper-

cussões significativas em áreas como arqueologia, história, evolução das espécies e até mesmo em religiões. As novas gerações já estão acessando essas informações, apesar das tentativas de negá-las.

Reprodução por Crianças: Uma imagem de uma criança de Cusco reproduzindo as características físicas das múmias de Nazca tornou-se viral, indicando o interesse e a aceitação da nova geração em relação a essas descobertas.

Chamado à Comunidade Científica: Foi feito um apelo aos cientistas e acadêmicos de todo o mundo para se aproximarem, investigarem e tirarem suas próprias conclusões sobre essas descobertas.

Anatomia e Carbono 14: As múmias têm uma estrutura humanoide com características únicas, como mãos e pés tridáctilos e uma estrutura óssea leve. Os testes de carbono 14 datam essas múmias com uma média de mil anos de antiguidade.

DNA: Uma análise de DNA foi realizada nas amostras, que custou mais de 50 mil dólares. Os resultados mostraram que essas entidades têm uma coincidência genética de 70% com seres conhecidos, mas há 30% que é completamente desconhecido. Essa diferença é significativa, pois, por exemplo, humanos e primatas têm uma diferença genética de menos de 5%.

Conclusão dos Especialistas: Os corpos são de uma espécie

não humana com diferenças irrefutáveis em comparação com qualquer espécie conhecida em biologia. Eles são orgânicos, biológicos e, em algum momento, tiveram vida. Essas descobertas sugerem a possibilidade de contato com seres não humanos no passado.

Convite à Pesquisa: A comunidade científica e o público em geral foram incentivados a acessar as informações e realizar suas próprias pesquisas. A importância de ter evidência física foi enfatizada e as instituições científicas foram convidadas a investigar mais profundamente.

O evento concluiu com um chamado à reflexão sobre a importância dessas descobertas e a necessidade de continuar investigando e entendendo melhor essas descobertas.

...

No mais, caso seja comprovado por uma pesquisa científica que as múmias são falsas, seremos os primeiros a divulgar e cobrar a punição dos responsáveis.



ANDRÉ DE PIERRE
Editor e historiador



COLÉGIO DOS MAGOS

Desde 1977
promovendo o despertar da
consciência através do
desenvolvimento psíquico.

As lições, frutos de
décadas de pesquisa e
estudo, oferecem ao aluno
todo o suporte teórico e
prático.

Colégio dos Magos
Caixa Postal 90.004
25620-971 Petrópolis/RJ

<http://www.colegiodosmagos.com.br>
colmagos@gmail.com

OS ECLIPSES DE OUTUBRO

Nossa Lua é um mistério...cinco vezes maior que Plutão e desproporcionalmente grande comparada aos outros satélites de planetas bem maiores que a Terra.

“É mais fácil explicar a inexistência da Lua do que sua existência.” Nos diz Robin Brellt / Smitsonian Center for astrophysics

Conta-se que já tivemos outras duas Luas, essa a terceira.

A Lua influencia os líquidos do planeta, como marés, seiva das plantas e nosso fluxo sanguíneo, e sendo nosso corpo 70% de água, que é associado ao corpo emocional, afeta nossos humores e psiquismo.

Parece que de lá da Lua operam frequências vindas de alguma matriz aqui para os humanos na Terra, como se a Lua fosse um amplificador decodificando informações.

Durante os Eclipses isso pode ser mais fortemente operado.

Digo que o eclipse é um atalho no tempo, porque em poucas horas ocorrem todas as fases lunares que levam 28 dias para se desenvolver.

A luz é ocultada neste momento, portanto na casa que isso se dá no teu mapa natal pode revelar aquilo que você não via, o que estava oculto.

No dia 14/outubro/23 às 14:56 o Sol e a Lua se encontrarão aos 21° de Libra, sendo este um eclipse solar anular na fase nova lunar.

A tarefa de Libra é promover harmonia e seu símbolo a balança, vem da deusa Têmis da ‘justiça divina e leis eternas’.

No mapa do Eclipse Sol e Lua estarão na casa VIII, e também no mapa do Brasil Independência, que é o setor do dinheiro, apoio e sexualidade dos outros; das heranças e dívidas, das cirurgias e tratamentos, mortes e renascimentos.

Esta será a tônica para esta segunda metade do ano (iniciado no Equinócio de Primavera em 23/setembro), ou seja, um período de reciclagens e para deixarmos morrer o

que precisa ser transformado abrindo espaço para o novo.

Atenção aos empréstimos porque pode ocorrer inadimplência, não é bom “contar com o ovo dentro da galinha”.

O regente do eclipse é Vênus, que está em aspectos que dificultam os acordos e indicam pequenos dinheiros, portanto prioridade e planejamento nos gastos.

As relações diplomáticas não muito amistosas e algumas negociações podem ir contra aos interesses da população.

Dificuldade para cumprir acordos e as coisas podem começar de um jeito e terminar de outro, ou seja, imprevistos.

Há um destaque para o local da Terra onde a sombra do eclipse se projeta e desta vez será no Brasil, sobretudo na região norte, o que pode indicar eventos importantes por aqueles lados.

O próximo Eclipse Lunar Parcial será em 28/10 às 17:25 na fase cheia, a Lua aos 05° de Touro e o Sol aos 05° de Escorpião.

Este é o eixo dos valores, tem a ver com as finanças, agronegócio e mercado imobiliário, entre outras coisas.

A Lua cheia é o apogeu do que se começa na Lua nova e os aspectos estarão mais tensos porque Marte, o planeta das conquistas e da guerra estará aspectando Sol e Lua e isso pode recrudescer os ânimos e provocar conflitos difíceis de serem apaziguados.

No mapa do Brasil vai pegar em cheio Marte na casa IX, a do Poder Judiciário, estrangeiros e sistema de creanças, sinalizando prantos e ranger de dentes devido à decisões severas e combates entre os Poderes, já que Saturno que rege o Legislativo estará envolvido nesta configuração.

Contudo estará em harmonia com Urano e Netuno nesta casa do Legislativo, sugerindo um resgate do papel da câmara diante dos atropelos e incompetências entre as ins-

tituições.

A Lua representa o povo e pode ocorrer agitação social ou algum tipo de descontentamento com a realidade e repressão.

Num sentido pessoal e coletivo, Vênus (os valores afetivos e financeiros), estará em Harmonia com Plutão, o que confere poder para realizar o que se quer e de uma maneira criativa e deliberadora, porque Urano(o despertar e renovar) estará também envolvido neste aspecto muito benéfico.

Ambos os eclipses serão oportunos para vermos aquilo que não estamos vendo, àquilo que não está lançado luz, seja no nosso mapa natal ou num sentido mundial.

No eclipse Solar a Lua e o Sol estão juntos no mesmo grau do signo, dinamizando suas qualidades, nesse caso as de Libra, onde o primeiro passo é promover a harmonia em si, entre masculino e feminino, Yin e Yang.

Quem nasce nesta fase tem a força de germinar, dos inícios e iniciações.

No eclipse Lunar, Sol está no signo oposto e complementar ao da Lua, em plena noite o céu às claras, a força da celebração.

A oposição gera tensão, tipo cabo-de-guerra e ao mesmo tempo traz o potencial de conciliar os opostos.

Quem nasce nesta fase tem um esforço adicional para harmonizar estes polos Yin e Yang, já que o signo do Sol quer uma coisa e o da Lua outra e é preciso expressar ambos.

Que nosso olhar, neste jogo de luz e sombra, alcance enxergar o que não estamos vendo.



JÚNIA CAETANO
Astróloga e pesquisadora



HISTÓRIA OCULTA IMPÉRIO DA TARTÁRIA

A história suprimida de uma imensa área que equivale a 8% de todas as terras do mundo, pode ser a maior evidência de manipulação das narrativas sobre o passado, de acordo com proponentes da teoria da Tartária.

ANDRÉ DE PIERRE | 34

SUMÁRIO



CROP-CICLES

Este artigo apresenta uma pesquisa inédita com informações que você talvez nunca tenha visto sobre agroglifos.

DEMETRIO LORIN | 10



PIRÂMIDES

A maioria das pessoas ficaria surpresa ao saber que existe uma antiga rede de pirâmides em todo o Japão.

CLÁUDIO SUENAGA | 18



DESCOBRIMENTO

Nesta edição, abordaremos a polêmica narrativa do descobrimento do Brasil e sua colonização. Com certeza, através dos registros dos Livros da Torre do Tombo, os primeiros judeus chegaram ao Brasil em 1498.

JORGE LIMA | 42



NÚMERO

29

REVISTA ENIGMAS

ÚLTIMA EDIÇÃO

Inserida na mais tradicional escola jurídica do país, encontra-se a mais poderosa e obscura das sociedades secretas que moldaram a história do Brasil.

SOCIEDADE SECRETA BRASILEIRA

EXPANSÃO ECONÔMICA DE DAKILA PARA O PANAMÁ

Dakila Pesquisas realiza diversas ações em prol da sociedade, que tem como ponto de partida suas pesquisas. Uma área pesquisada com muita atenção é o aspecto econômico-social, em busca de alternativas que proporcionem um nivelamento social e a dignidade do ser humano são metas para Dakila.



Neste sentido, foi desenvolvida uma criptomoeda, o BDM Digital, que visa reduzir as desigualdades e proporcionar um acesso inclusivo e rápido, utilizando para isso, uma blockchain 100% nacional e própria. Ao passo

que foi criado o BDM Bank, uma plataforma que oferece soluções de meios de pagamentos integrados, conforme exigências normativas do Banco Central do Brasil. No dia 20 de Setembro de 2023, Urandir Fernandes -

CEO do Ecosistema Dakila juntamente com sua equipe financeira (Kezia Miranda - Advogada Jurídica do BDM Digital, Alex Oliveira - Diretor do BDM Bank e Tatiana Pereira - Diretora do BDM Bank) viajaram a negócios

até o Panamá país escolhido estrategicamente, definido pela equipe de compliance, pelo Jurídico da equipe do BDM Digital e do BDM Bank, justamente porque o país combina diferentes fatores e elementos como ambiente político estável, uma economia nos mais altos níveis de prosperidade e uma logística que vem das experiências do Canal do Panamá. “O Panamá possui uma vasta experiência com relações internacionais e multibancos porque o canal desde o início do século XX trouxe um crescimento exponencial e faz parte do PIB (Produto Interno Bruto da região) atingindo quase 76 bilhões de dólares em 2020 e 2021 depois de quintuplicar nas décadas anteriores. Esse ambiente favorável altamente voltado para a recepção do investidor estrangeiro fez com que o Panamá estivesse com uma pontuação muito alta no relatório “DOING BUSINESS” do Banco mundial e foi listado como um dos melhores países para realização de negócios e ao mesmo tempo também o relatório de Investimento Mundial de 2022 da União Europeia com a ONU destacou que o Panamá é um dos países mais seguros para iniciar uma operação internacional. Outro fator que torna o país muito atraente para os investidores é o fato do Panamá ser uma das economias mais dolarizadas da América Latina, proporcionando o maior grau de estabilidade cambial diferentemente de outros mercados que infelizmente não

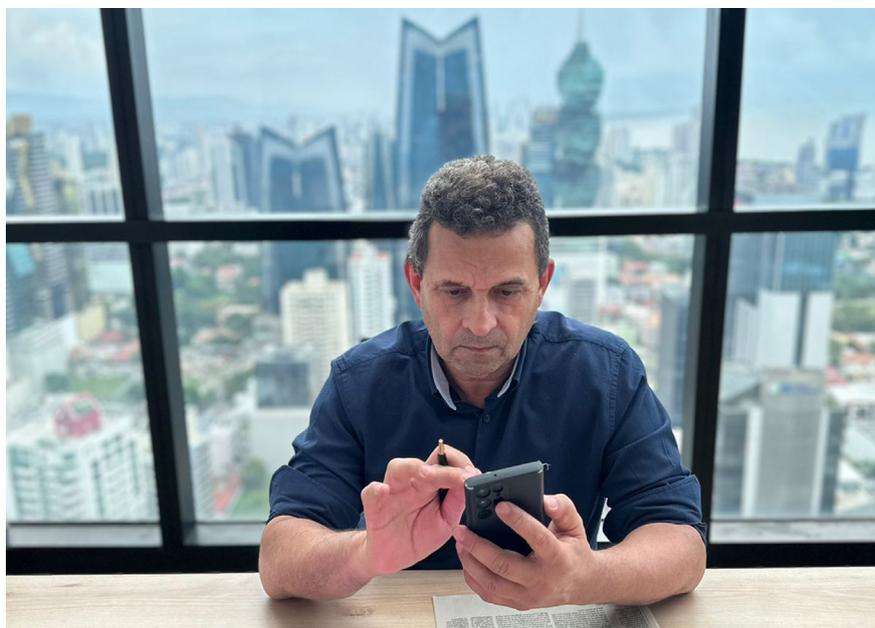
são tão receptivos com relação ao Dólar e ao Euro, então nós estamos iniciando uma Fintech pra atuar nas mais diferentes jurisdições e espaços regulatórios, trazendo sempre a maior segurança para o usuário BDM.” Kezia Miranda - Advogada Jurídica do BDM Digital.

Foram assinados contratos com regulamentações da empresa BDM Digital, todos de acordo com as exigências do governo do Panamá, a outra etapa de contratos foi referente a residência dos colaboradores da empresa, a fim de facilitar as burocracias, negociações diplomáticas entre Dakila, BDM Digital, BDM Bank e o governo do panamenho (os órgãos competentes), instalar a agência física do BDM Digital e BDM Bank e na sequência uma loja da Kion Cosmetics.

“O nosso objetivo é manter nossa boa reputação no mercado internacional e ampliar as opções de inves-

timentos ao usuário do BDM. Faz parte do nosso plano de negócios mapear soluções comerciais e tributárias e estar à frente dos demais players trazendo os melhores resultados em rentabilidade, projeção econômica, regulatório, compliance, estabilidade monetária, financeira e cambial, de forma a tornar mais seguras as transações e remessas de valores entre diferentes países. Expandiremos nosso portfólio e serviço, com vias a implementar novas gateways de pagamento, câmbio e exchanges de criptoativos, para consolidar mais uma fintech do grupo BDM e trazer impacto inigualável nos mercados de multi moedas em mais de 150 países.” Alex Oliveira - Diretor do BDM Bank

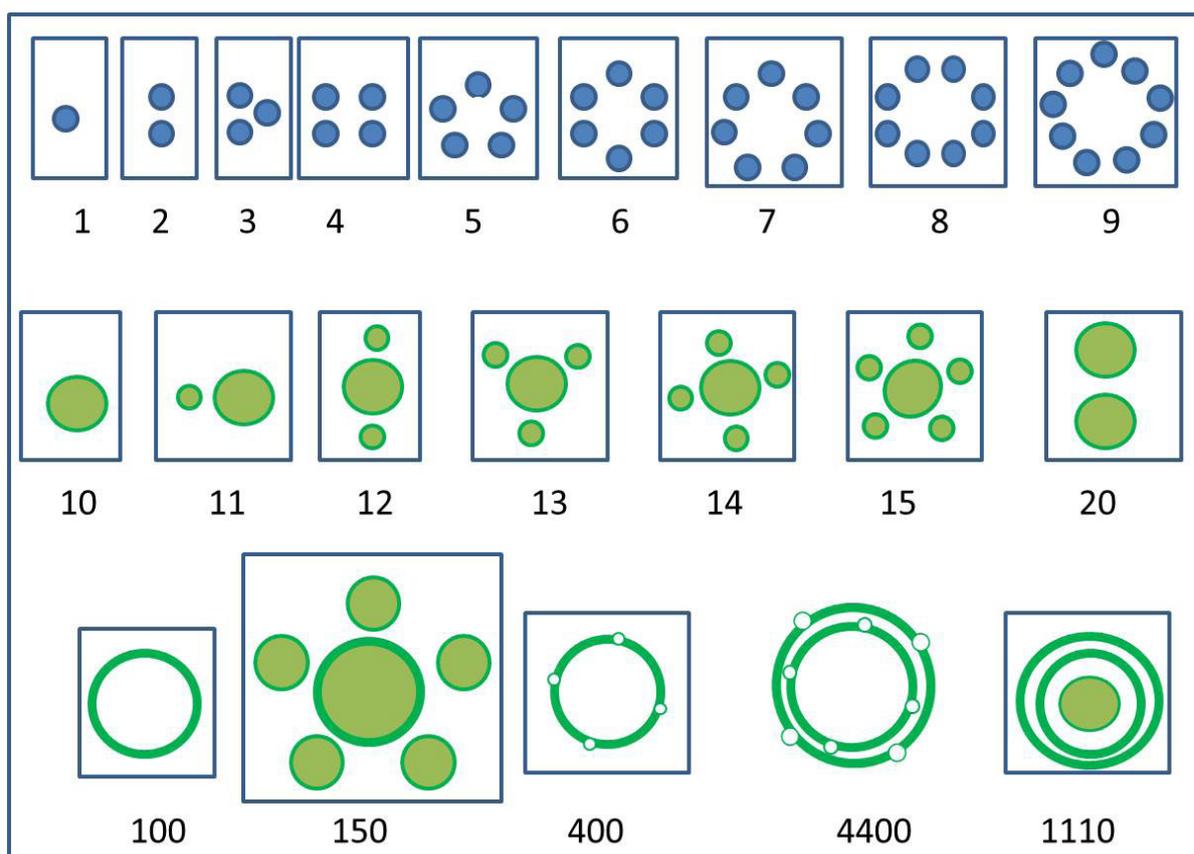
Dakila Pesquisas é o grupo responsável pela descoberta de Ratanabá. Para mais informações acesse: dakila.com.br | @dakila-pesquisas | @ratanaba.oficial



POR DEMETRIO LORIN

OS AGROGLIFOS ASSOCIADOS AOS FENÔMENOS ANÔMALOS NÃO IDENTIFICADOS

Com o recente reconhecimento da NASA sobre a existência de esferas metálicas de origem desconhecida, o que dizer dos agroglifos que estão diretamente relacionados a esses objetos? Este artigo apresenta uma pesquisa inédita com informações que você talvez nunca tenha visto sobre agroglifos.



Sistema numérico criado por mim, inspirado em círculos observados nos primeiros crop circles. Assemelha-se aos numerais Maias.

Certamente, você já ouviu a expressão “entendeu ou quer que eu desenhe?”. Embora possa soar ofensiva, insinuando uma falta de inteligência por parte do ouvinte, os desenhos, em sua essência,

não têm o propósito de humilhar. Eles são uma forma de expressão, muitas vezes considerada arte. Um desenho isolado pode ser ambíguo, dando margem a diversas interpretações, como

a arte abstrata. Esta pode emocionar o observador, fazendo-o sentir o que inspirou o artista, e é dessa combinação de inspiração e emoção que se origina seu valor comercial.

As letras do nosso alfabeto são, em essência, desenhos: símbolos convencionados que representam nossa fala. Pense em como elas seriam incompreensíveis para um ser sem cordas vocais ou que se comunicasse de maneira diferente. Por isso, existem métodos de comunicação específicos para cegos e surdos, mostrando a adaptabilidade da expressão e do aprendizado. Para pessoas de diferentes culturas e países, a escrita varia, atendendo às necessidades e tradições locais.

AGROGLIFOS NA HISTÓRIA

Os misteriosos desenhos que surgem em plantações, especialmente no Reino Unido, não são recentes. Assim como a arte abstrata, são admirados por entusiastas que os utilizam como foco de meditação, ou são desacreditados por céticos que os veem como obra de vândalos ou impostores. Há também os ufólogos, que buscam interpretar esses padrões como mensagens codificadas.

Conhecidos como Crop Circles ou Agroglifos, esses desenhos acompanham a humanidade há séculos. Em 815 d.C., o primeiro registro escrito surgiu em Lyon, França. Uma carta do bispo local ao Papa mencionava agricultores adorando o diabo dentro de círculos em lavouras de trigo. Esse registro é notável, considerando que a França da época enfrentava invasões vikings e tinha outras preocupações prementes. A autoria desses agroglifos permaneceu um mistério, com novos registros surgindo na Holanda em 1590 e na Inglaterra em 1633. Em 1678, um jornal inglês associou os círculos ao “Demônio Ceifador”.

O fenômeno também foi observado no “Novo Mundo”. Em 1880, em Ontário, Canadá, surgiram relatos de círculos em plantações de trigo. Em 1956, Goo-



Representação de como se define a posição dos trópicos em relação aos raios solares perpendiculares.

mallings, Austrália, registrou o primeiro caso ao sul do equador. Na América do Sul, o primeiro relato veio da Argentina, próximo a Buenos Aires, em 1959. Os primeiros agroglifos eram simples, possivelmente devido à dificuldade de visualização aérea e interpretação no solo de desenhos mais elaborados. Com a invenção de balões e aviões, a perspectiva humana sobre o fenômeno mudou. Hoje, drones equipados com câmeras de alta definição oferecem uma visão clara desses enigmáticos desenhos.

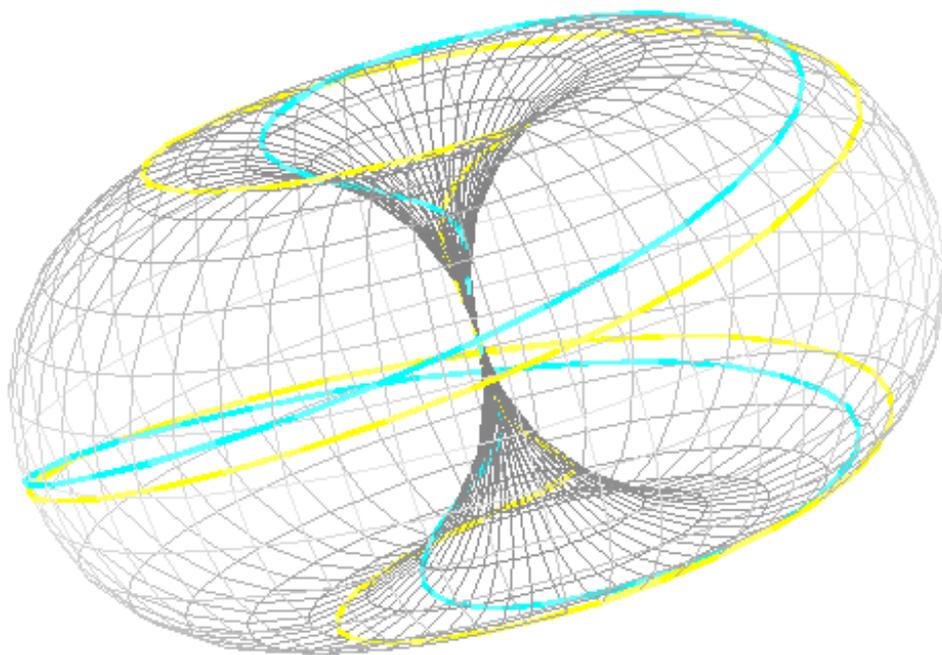
INTERPRETAÇÃO

A meu ver, se essas marcas em lavouras realmente representam uma forma de comunicação, elas não começariam enviando uma carta, mas sim ensinando seus símbolos, assim como fazemos nas escolas com as crianças. Portanto, é preciso voltar às “primeiras aulas” dos crop circles. É comum ouvir que a matemática é uma linguagem universal. Nos primeiros desenhos modernos, que surgiram entre 1970 e 1990, identifiquei alguns que parecem representar um sistema numérico baseado em círculos e pontos. Este sistema é muito semelhante

a sistemas antigos da Terra, sem nenhuma novidade extraterrestre. Cada ponto representa uma unidade, um círculo maior representa uma dezena, e a cada círculo adicional, acrescenta-se uma centena, milhar, e assim por diante. Círculos preenchidos e vazios diferenciam números inteiros de fracionários.

O exemplo que apresento é apenas uma hipótese. No meu caso, que vejo matemática em tudo, pode ser algo a considerar. Acredito que a razão pela qual esses desenhos são feitos ao ar livre é para que todos possam vê-los. Um início simples permite que todos acompanhem sua evolução. Assim como em uma escola, não se deve pular etapas. O mesmo pode ser dito desse fenômeno, que deve ser observado continuamente para ser compreendido. A mensagem e o aprendizado consideram a humanidade na totalidade, sem focar em indivíduos. Com o tempo, os modelos continuam a evoluir.

Acredito que os agroglifos são mensagens enviadas para a população da Terra em geral. Nessa linha de raciocínio, sou cético em relação a qualquer mensagem



Representação de um vórtice que, possivelmente, se forma ao redor de um “buraco de minhoca”. A forma de toro é considerada, atualmente, o formato mais comum de atuação da gravidade. A Via Láctea e buracos negros também podem ser representados dessa maneira.

que segregue ou favoreça um grupo específico.

Na minha visão, qualquer desenho que mostre algo exclusivamente terrestre não é uma verdadeira mensagem, mas sim uma mera brincadeira. Existem profissionais especializados em criar agroglifos patrocinados por grandes empresas ou elites. Eles fazem isso para desacreditar as verdadeiras mensagens ou até mesmo para se beneficiar delas. Quanto mais falsificações surgem, mais a crença em mensagens genuínas diminui. Um exemplo que considero falso é uma mensagem em código binário que pode ser traduzida para nossa língua. Se alguém foi capaz de criar essa mensagem, por que não a escreveu abertamente? E por que foi traduzida para o inglês e não para o espanhol, chinês, francês ou português? Não temos uma língua universal na Terra. Dois crop circles na Inglaterra se juntam para formar uma imagem comum no Ociden-

te. No entanto, quem desenhou a imagem de Jesus Cristo fez isso para um público específico, neste caso, os cristãos. Isso pode levar a interpretações de superioridade ou exclusividade religiosa. Além disso, a imagem do Cristo loiro de olhos azuis é uma representação artística e não necessariamente uma representação fiel. Para que essa mensagem fosse verdadeira, o autor desse desenho teria que estar familiarizado com nossa cultura, o que é uma possibilidade.

Acredito que mensagens verdadeiras sejam aquelas relacionadas a datas astronômicas, como a posição específica dos planetas. Não dou crédito a datas derivadas de somas arbitrárias. Temos vários calendários na Terra, como o judeu, chinês e cristão. Para quem seria a mensagem? Tudo que sabemos cientificamente nos indica que movimentos de rotação e translação são universais. Outra questão é a base numérica usada. Usamos o

10 como base devido ao número de dedos que temos. Seres com um número diferente de dedos poderiam usar outra base.

COMO E QUANDO SURGEM OS AGROGLIFOS?

Há muitas incertezas sobre como os agroglifos aparecem nas plantações. Contamos com poucos relatos de testemunhas que afirmam ter visto esse fenômeno se formando, e esses relatos são frequentemente desacreditados pelas autoridades.

Em geral, os agroglifos tendem a surgir à noite ou durante tempestades. Eles se formam rapidamente e apresentam desenhos tão precisos que deixam as pessoas atônitas, principalmente devido ao mistério de sua origem e significado. Historicamente, foram atribuídos a origens demoníacas, forças naturais como ciclones, e até mesmo humanos que reivindicaram a autoria dos desenhos. No entanto, a teoria mais popular é a de que são criações de entidades extraterrestres.

Originalmente, eram referidos como “círculos ingleses” devido à sua prevalência em lavouras no sul e sudoeste da Inglaterra, região que ainda é o principal epicentro desse fenômeno. Os agroglifos possuem características distintas: emitem frequências que proporcionam uma sensação de paz a quem entra nos círculos; as plantas se dobram sem quebrar e continuam a crescer, podendo ser colhidas posteriormente; e o entrelaçamento de algumas plantas parece impossível de ser replicado por mãos humanas.

Agroglifos também foram registrados em países como China, Alemanha, Holanda, Canadá, Portugal, Itália, Estados Unidos, Rússia, entre outros. Isso levou muitos a tentar decifrar seus sig-

nificados. Atualmente, devido à vasta variedade de desenhos, é incerto se representam uma forma de escrita ou se são apenas desenhos artísticos para apreciação.

Um aspecto raramente analisado pelos pesquisadores é a localização geográfica desses fenômenos. Eles tendem a se manifestar em coordenadas situadas ao sul ou ao norte das linhas dos trópicos, evitando a região equatorial. Isso nos leva a questionar o que há nessa área que possa impedir sua formação. Se considerarmos a localização geográfica em conjunto com o horário de surgimento dos agrolifos, observamos uma correlação com a ausência de luz ou irradiação solar direta. As linhas imaginárias dos trópicos demarcam as regiões que, em determinadas épocas do ano, recebem raios solares perpendiculares ao solo. Esse padrão é intrigante. Se os agrolifos forem, de fato, uma forma de comunicação interplanetária ou interdimensional, é possível que a radiação solar interfira ou até mesmo impeça sua formação, excluindo assim essas regiões.

OS AGROGLIFOS BRASILEIROS

No Brasil, o primeiro registro de agrolifos ocorreu em 1997, na cidade gaúcha de Santo Ângelo. Em 27 de fevereiro, surgiu um círculo e, no dia seguinte, 28 de fevereiro, outro apareceu. A simplicidade da figura não gerou grande repercussão, e o fenômeno foi rapidamente descartado por muitos, inclusive ufólogos, com o argumento: “Se foi no Brasil, é falso!”

Entretanto, em 2008, na cidade de Ipuacu, interior de Santa Catarina, o fenômeno ganhou destaque. Começou com um desenho simples e foi se tornando mais complexo ao longo dos anos. Os agrolifos surgiam sempre na mesma época do ano, em

plantações de trigo, próximas à época de colheita.

Uma equipe de pesquisadores brasileiros decidiu estudar esses agrolifos mais a fundo. Realizaram diversos testes, desde a emissão de frequências até análises moleculares das plantas e do solo, tanto dentro quanto fora dos círculos. Uma descoberta curiosa foi que, embora não houvesse sinal de telefonia móvel na região, dentro dos círculos os celulares funcionavam perfeitamente. Essa peculiaridade não havia sido observada por pesquisadores europeus, possivelmente devido à ampla cobertura de sinal no Reino Unido. A descoberta foi feita por estudantes de Ipuacu e confirmada pelo ufólogo Gevaerd, que realizou ligações utilizando esse sinal. Isso foi surpreendente, especialmente porque, na época, ainda não havia antenas de celular na cidade.

O pesquisador Alcides Côres, munido de equipamentos específicos, detectou a ausência de radiação, mas a presença de on-

das de rádio, micro-ondas, sinais de telefonia celular e um campo eletromagnético de alta intensidade nos agrolifos. As leituras indicavam uma intensidade comparável à saída de uma antena e estavam restritas à área dos agrolifos.

A IRRADIAÇÃO DE SINAIS DE MICRO-ONDAS

Antenas de celular e rádios FM emitem seus sinais em formato de leque e em linha reta. Obstáculos como prédios, montanhas e até árvores podem atenuar o sinal próximo ao solo, devido à limitação de potência imposta às antenas. A parte superior do sinal, teoricamente, deveria se dissipar no espaço devido à curvatura da Terra. No entanto, fenômenos como a ionosfera e a própria gravidade terrestre acabam formando uma “nuvem” de micro-ondas acima de nós, invisível a olho nu. É comum, em áreas mais remotas, as pessoas buscarem locais elevados para captar sinais de celular. Da mesma forma, em estradas, é perceptível

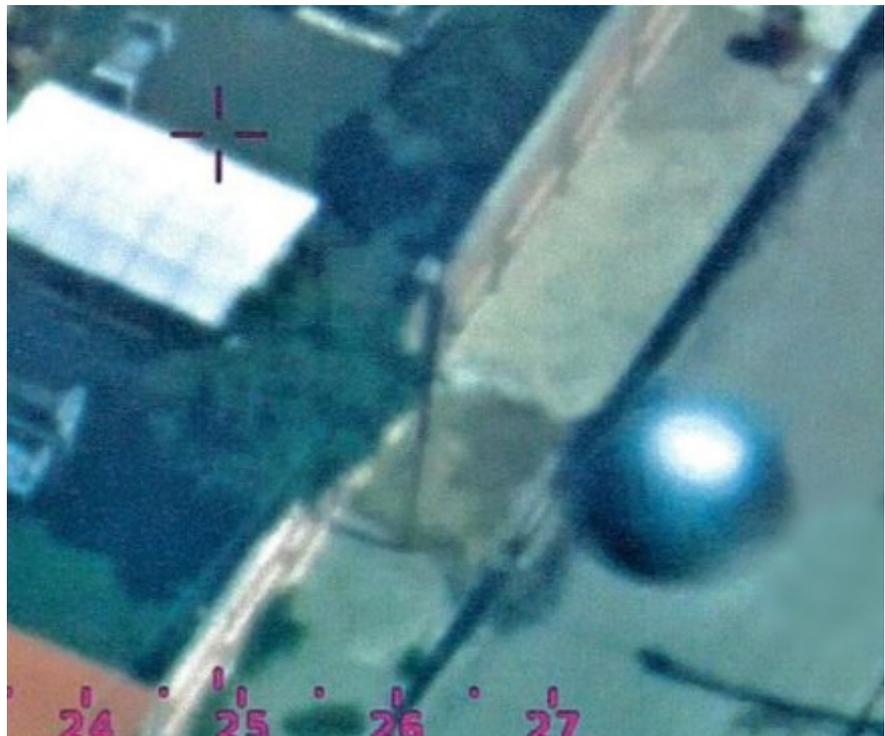


Imagem capturada por uma aeronave americana e apresentada pela NASA. Mostra uma esfera sobrevoando uma cidade no Oriente Médio.

como o sinal de rádio melhora em pontos altos e se enfraquece em áreas mais baixas.

Nos agroglifos, a presença de um campo eletromagnético intenso indica uma anomalia. Testes com uma bobina de Helmholtz demonstraram que, sob o efeito de um campo magnético induzido, feixes de elétrons, luz ou ondas eletromagnéticas podem ser desviados de sua trajetória reta. Esse fenômeno de desvio é observado no espaço, quando feixes luminosos passam próximos a astros de grande massa, como buracos negros ou aglomerados de galáxias, criando o que chamamos de lentes gravitacionais. Acima dos agroglifos, é possível que exista algo, invisível aos nossos olhos, que gera esse intenso campo magnético, distorcendo e concentrando os sinais de micro-ondas. Teoricamente, a luz também seria atraída para esse vórtice.

BURACO DE MINHOCA

Há muitos conflitos entre a física convencional e a quântica, um deles é sobre os buracos ne-

gros e brancos no espaço. Segundo a física convencional, quando algo é sugado por um buraco negro, sua matéria é tão compactada que desaparece, sem possibilidade de retorno.

Na física quântica, essa matéria não se perde; ela apenas se transfere para algum lugar no tempo ou espaço, associando o buraco negro a um buraco de minhoca, mas em proporções muito maiores. Estudos indicam que os buracos de minhoca, em proporções minúsculas, são comuns e ocorrem frequentemente. Quando um elétron realiza seu salto quântico, ele o faz através de um buraco de minhoca. Durante essa passagem, ele não perde suas características e leva apenas alguns nanossegundos, tempo que sustenta a teoria.

De acordo com Einstein, seus cálculos indicam que o tamanho máximo que um buraco de minhoca poderia alcançar seria de aproximadamente 25 cm de diâmetro, tornando impossível para os humanos usá-lo como portal. Em resumo, o buraco de minhoca é, teoricamente, um atalho para

cruzar o universo ou até mesmo acessar universos paralelos.

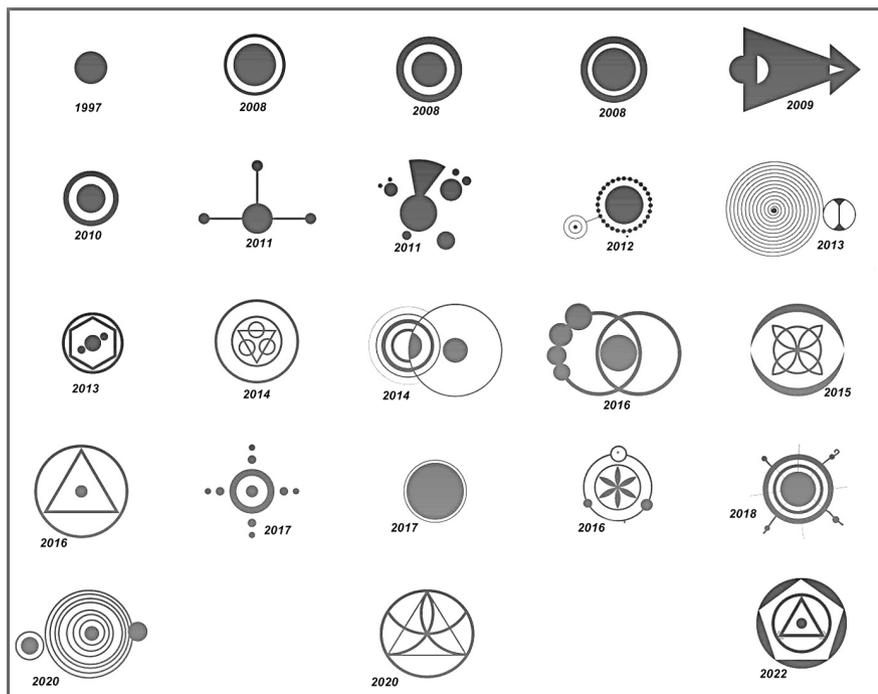
QUEM SÃO OS AUTORES DOS AGROGLIFOS?

Há diversas interpretações sobre esses sinais e opiniões variadas sobre quem os cria. Alguns detalhes, no entanto, diferenciam os desenhos feitos por humanos daqueles feitos por outros seres ou objetos, como os rastros eletromagnéticos mencionados anteriormente.

Pesquisadores ao redor do mundo, em locais onde surgem os agroglifos, relatam a aparição de orbes - esferas com aparência metálica flutuando sobre as plantações. Acredito que esses objetos sejam semelhantes a drones, programados para uma tarefa específica, assim como uma impressora que recebe e executa um comando. Relatos de luzes são comuns em aparições de agroglifos. Uma rápida pesquisa na internet por termos como "orbe", "crop circle" e "agroglifos" revela diversas filmagens onde esses OVNI's aparecem.

Como ornitólogo e fotógrafo da natureza, tenho um senso crítico apurado e posso discernir entre filmagens autênticas e aquelas que são forjadas. Em um vídeo específico, cinco orbes são filmados, parados, como se estivessem aguardando um teletransporte, e um a um vão desaparecendo. Em vez de copiar o vídeo, salvei o endereço, e posteriormente, o vídeo foi removido da internet.

Isso me levou a refletir sobre o campo eletromagnético presente nos agroglifos. A abertura de um portal interestelar ou interdimensional exigiria uma grande quantidade de energia, que poderia ser a origem de um vórtice eletromagnético que atrai os sinais para próximo do solo. Um vórtice toroidal, que pode ser



Seqüência de imagens de agroglifos brasileiros registrados de 1997 a 2022.

originado em um buraco de minhoca, parte de uma área ampla e converge para uma singularidade no centro. Outro aspecto intrigante é o rastro eletromagnético que permanece por cerca de uma semana nos agroglifos. Isso indica que algo invisível continua ativo no local, e que vestígios de portais permanecem, guardando o endereço do deslocamento.

Na física quântica, experimentos mostram que um elétron, ao ser excitado, salta de uma camada a outra sem passar pelo meio. Durante um breve momento, ele não está em lugar algum. E também, partículas entrelaçadas, mesmo separadas por grandes distâncias, mantêm sua conexão. Se esse for o caso, enquanto o portal não se fecha do outro lado, o campo magnético persiste. Esse tempo de uma semana é o tempo necessário para a conclusão da viagem. Baseado nessa teoria, esse vórtice começa a se abrir uma semana antes da aparição dos agroglifos e pode ser detectado no local com um aparelho celular ou um rádio FM, percorrendo as lavouras de trigo. Assim, surgirão pontos anômalos, com excesso de sinais acima da plantação.

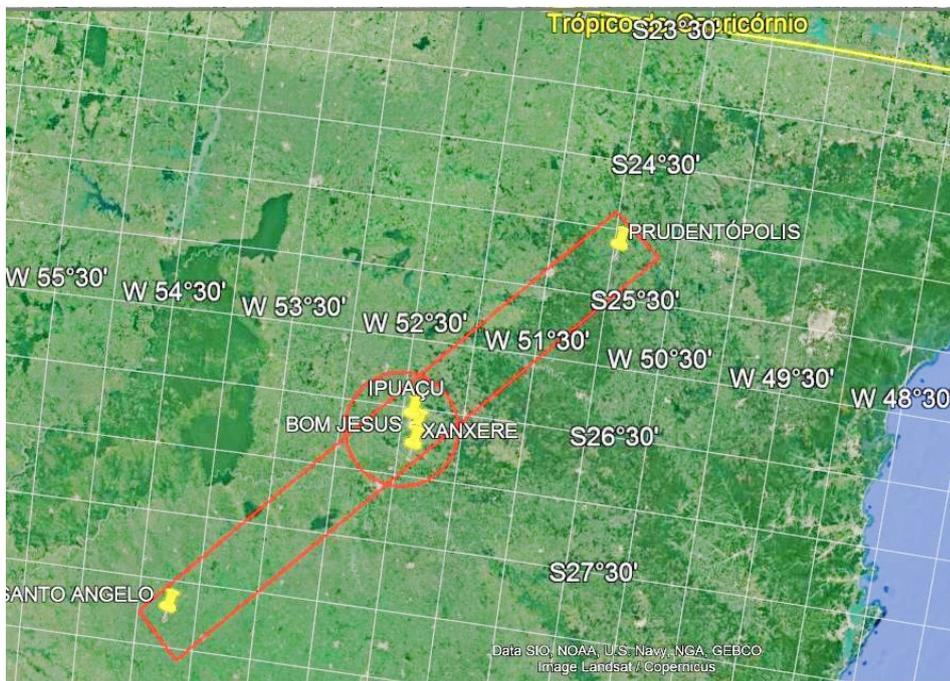


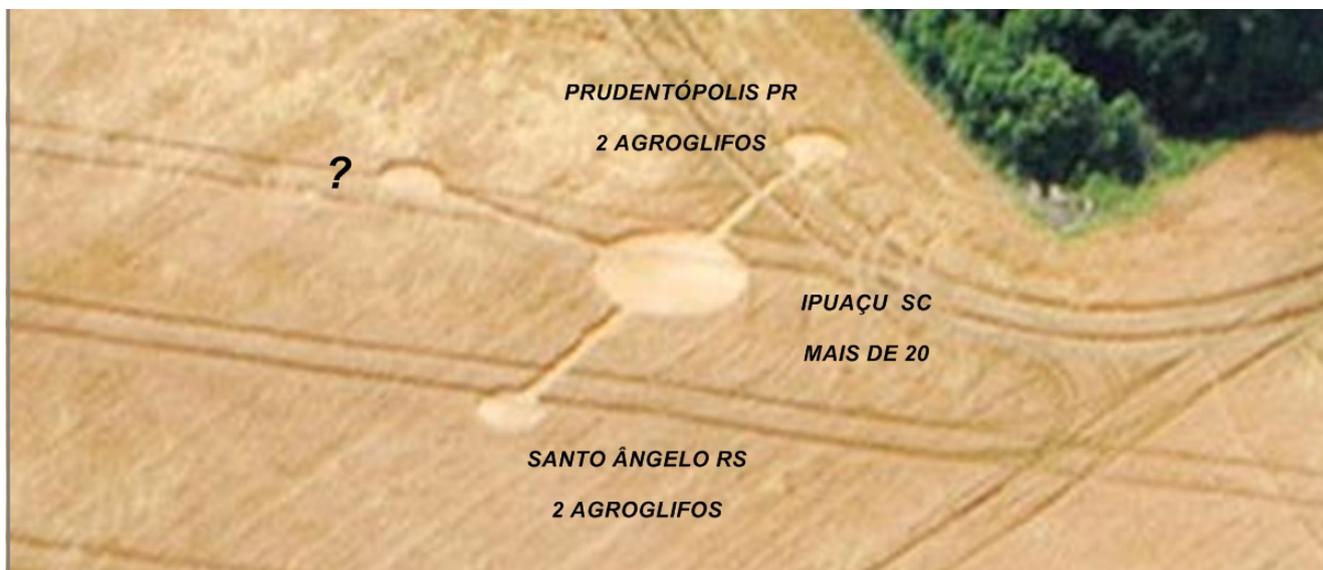
Imagem do Google Earth que mostra o alinhamento perfeito entre três cidades do sul do Brasil onde ocorreram aparições de agroglifos.

QUAL O TAMANHO DOS ORBES?

Em vídeos onde orbes são capturados, eles geralmente aparecem distantes, mas é possível estimar que tenham o tamanho de bolas de futebol. O relato mais preciso sobre orbes refere-se ao encontrado pela família Betz, nos Estados Unidos. Medido e testado por vários laboratórios, não se chegou a uma conclusão sobre sua origem ou os materiais des-

conhecidos que o compunham. Com 22,5 cm de diâmetro, reagia a certas frequências e a luz solar o tornava mais ativo, emitindo sons peculiares. Movia-se pelo solo, e seu sistema antigravitacional parecia ter sido danificado durante a viagem.

Curiosamente, a época em que essa esfera apareceu, em 1974, coincide com a mensagem de Arecibo enviada por Carl Sagan



Agroglifo de 2011 em Ipuacu, SC, que corrobora a descoberta sobre o alinhamento de cidades.

ao espaço e com o surgimento de muitos agroglifos nas lavou-
ras do nosso planeta. Pode ser
coincidência, mas o tamanho da
esfera é proporcional ao limite
calculado para o tamanho de um
buraco de minhoca.

MAIS NOVIDADES NA MINHA PESQUISA

Como já mencionei, o primei-
ro caso de agroglifos no Brasil
ocorreu em Santo Ângelo, no
Rio Grande do Sul. Outros sur-
gimentos são frequentemente
atribuídos a Santa Catarina, mas
também houve aparições em
Prudentópolis, no Paraná, por
dois anos consecutivos. Para mi-
nha surpresa, ao verificar um
mapa, notei que Prudentópolis
não só está alinhada com Ipuacu,
em Santa Catarina, como a cida-
de catarinense está situada equi-

distantemente das outras duas
cidades. Tentei estender essa li-
nha em ambas as direções para
encontrar alguma resposta, mas
não encontrei mais evidências
que sustentassem uma teoria.
No entanto, essa curiosidade ain-
da não havia sido observada por
nenhum outro pesquisador. Um
agroglifo de 2011 pode ser a cha-
ve para essa descoberta, mas ain-
da não temos dados suficientes.

A NASA RECONHECE A EXIS- TÊNCIA DE ESFERAS EXTRA- TERRESTRES

Em 31 de maio de 2023, a
Agência Aeroespacial dos Es-
tados Unidos, conhecida como
NASA, realizou uma reunião
pública sobre UAPs (a nova de-
nominada para OVNI). Uma
equipe de 16 cientistas trouxe
poucas novidades, mas confir-

mou a existência dos orbes, que
circulam a altas velocidades pelo
mundo. Esses objetos, frequente-
mente associados à criação dos
agroglifos, sempre foram desa-
creditados por órgãos governa-
mentais. No entanto, com a atual
tecnologia de câmeras em drones
e câmeras de vigilância, tornou-
se impossível ocultar o que está
sendo observado globalmente.

Além disso, um documento
oficial do Departamento de De-
fesa dos EUA, de 1996, que foi
recentemente desclassificado,
mostra conteúdo sobre a recupe-
ração de material UAP, métodos
de estudo e maneiras de lidar
com essa tecnologia avançada.
Esse material, agora disponível
para pesquisadores no site oficial
da AARO (www.aaro.mil), apre-
senta coordenadas que indicam
a famosa “Área 51” como local
de estudo de UAPs e imagens de
fragmentos de um orbe.

Estes são exatamente os orbes
que venho estudando em víde-
os há mais de 10 anos. Estudos
realizados por órgãos governa-
mentais apresentam tabelas de-
finindo tamanho, cor, velocidade,
principais locais de aparição, al-
titudes com maior frequência de
avistamentos, entre outros. O que
ex-agentes governamentais reve-
lam em suas palestras são temas
controversos, falando em UAPs e
material biológico não humano.
Se considerarmos um drone da
aeronáutica que conduza testes
com animais em seu interior, ao
ser recuperado para estudos, o
material biológico será “não hu-
mano”, como macacos, cobaias e
até a própria Laika, a cadela rus-
sa.

UM RELATO PESSOAL DE UAPs

No final de 2019, participei de
uma oficina sobre os Agroglifos
Brasileiros, coordenada pela re-
vista UFO. Tive a oportunidade
de interagir com o palestrante, o
ufólogo Ademar Gevaerd, já fale-



Minha foto tirada in loco no agroglifo de 2020 em Ipuacu.



Captura de tela de um vídeo mostrando um UAP sobre o Agroglifo de West Meon, Hampshire, em 26 de julho de 2023. Esta imagem confirma a relação entre esses dois fenômenos.

cido, e alguns cidadãos de Ipuacu. Durante o evento, discuti minha teoria sobre a origem da radiação nos Agroglifos e a possibilidade de um ponto acima deles onde as ondas eletromagnéticas convergiam. Estabeleci contatos com moradores locais para ser informado sobre novos agroglifos em Ipuacu, pois pretendia realizar testes com um laser direcionado ao céu acima do desenho.

Em 30 de outubro de 2020, fui designado para acompanhar uma zeladora em uma subestação de energia da COPEL. Combinamos a saída para as 13:00h, e por isso, adiantei meu almoço. No trajeto para casa, parei em um semáforo e notei um brilho peculiar à minha frente. Ao verificar, observei algo semitransparente, semelhante a papel celofane amassado, que refletia luz em pontos específicos enquanto se movia lentamente. Continuei meu caminho, supondo que poderia ser uma folha plástica levada pelo vento.

Após o almoço, retornei à subestação. Enquanto a zeladora trabalhava, avistei no céu um objeto similar ao que havia observado anteriormente. Pouco depois, outro objeto idêntico apareceu. Tentei filmá-lo com meu celular,

mas sem sucesso. Atualmente, acredito que o objeto fosse algum tipo de aglomerado energético, como plasma.

Ao chegar em casa, lembrei-me dos agroglifos e descobri que um novo havia surgido em Ipuacu na noite de 28 para 29 de outubro. No sábado seguinte, viajei para Ipuacu e pude observar o agroglifo. Minha esposa tirou várias fotos e as compartilhou via WhatsApp. Ao anoitecer, tentei realizar testes com um laser, mas não obtive resultados conclusivos.

Minha teoria é que um buraco de minhoca funciona como um atalho no espaço. Durante sua travessia, ambos os lados permanecem abertos, causando anomalias, similar ao entrelaçamento quântico.

QUAIS AS POSSIBILIDADES DE ORIGENS DESSES AGROGLIFOS?

Existem três teorias principais:

Vindos do nosso futuro: Neste cenário, desenhos de aves, folhas e animais nos agroglifos seriam plausíveis. A localização atual desses agroglifos poderia depender da posição das terras no fu-

turo.

Vindos de outra dimensão: Aqui, seriam seres que coexistem paralelamente à Terra, observando nossa evolução e enviando esferas, semelhantes a drones, para nos estudar.

Vindos de outro planeta: Esta teoria, baseada na física atual, é a mais desafiadora devido às vastas distâncias cósmicas e aos limites da velocidade da luz. Apenas uma ponte de Einstein-Rosen, ou “buraco de minhoca”, poderia superar essas distâncias.

A imprensa frequentemente afirma que todos os agroglifos são falsos. No entanto, uma recompensa de R\$ 10.000,00 foi oferecida no Paraná e em Santa Catarina para quem reproduzisse um agroglifo com características específicas, mas ninguém aceitou o desafio. Resta a pergunta: por que esses “artistas” permanecem ocultos, especialmente quando o turismo relacionado a esse fenômeno ainda não é amplamente explorado no Brasil?

POR CLÁUDIO SUENAGA

PIRÂMIDES NO JAPÃO

A Terra do Sol Nascente foi o lugar de origem das pirâmides?



Cláudio Suenaga diante da Pirâmide de Zuto. Foto de Célia Ito, a quem Suenaga agradece imensamente por tê-lo acompanhado nesta viagem, proporcionando-lhe todo o apoio e o suporte necessário para o bom transcurso das pesquisas.

A maioria das pessoas ficaria surpresa ao saber, incluindo a nata dos historiadores, arqueólogos e até astroarqueólogos, que existe uma antiga rede de

pirâmides em todo o Japão e que essas pirâmides podem ser de fato as mais antigas do mundo, remanescentes de uma supercivilização desaparecida, quicá do

antigo continente afundado de Mu. Eu mesmo pude visitar duas delas e é com exclusividade que trago a vocês todas as informações a respeito.

DIANTE DA PIRÂMIDE BUDISTA MAHAYANA ESQUECIDA E OCULTADA DE NARA

Até o final de setembro de 2021, ninguém se dava conta da existência dessa pirâmide em pleno bairro residencial de Zuto, em Nara, a antiga capital e a região mais rica em história e arqueologia do Japão. Quando o hotel vizinho que obstruía a sua visão acabou por ser demolido no verão de 2021, deixando apenas um terreno vazio, os que diariamente transitavam por ali notaram a sua aparição súbita.

Turistas que afluem em massa para o Parque de Nara, onde está o templo Todai-ji (“Templo do Grande Oriente”), que abriga a maior estátua de bronze de Buda do mundo (com 15 metros de altura e um peso de 500 toneladas, construída no século VIII, igualmente visitada e registrada por este autor), a apenas cerca de um quilômetro dali, passaram a dar uma esticada até Zuto para ver a pirâmide e tirar fotos dela. O melhor local para fotografá-la, aliás, é em torno do ponto de ônibus Wariishicho Nara Kotsu Bus Lines, na rodovia 80. Dali se pode capturar toda a forma de Zuto.

A estrutura de solo e rochas, datada do Período Nara (710-794), ergue-se sobre uma base quadrada de 32 metros de lado (alguns calculam, na verdade, 24 metros), com sete camadas quadradas de terra e pedra formando uma pirâmide de 12 metros de altura. Possui três camadas principais (de 2 a 3 metros de altura), camadas baixas (de cerca de 1 m) entre elas e uma camada superior (de cerca de 1 m).

Cada face da 1ª e 2ª camadas principais tem três nichos, cada um dos quais contém uma rocha em relevo de Buda com cerca de 1,20 metros de altura. Cada face da 3ª camada tem dois relevos, e cada face da camada superior



O pagode de barro de Doto. Foto: Osaka Info.

tem um. A forma da rocha de relevo é variada, já que foi esculpida a partir de uma rocha natural cuja face foi polida. Quase todos os relevos são de granito – só alguns são de ardósia – e possuem um estilo refinado, familiar e modesto que levam à adoração e meditação simples.

Pode-se contornar e observar de perto todos os detalhes da Pirâmide de Zuto, como é chamada, adentrando-se por uma porteira que costuma ficar quase todo o tempo fechada, apesar da placa indicar que deveria haver alguém ali para recepcionar e orientar os visitantes e cobrar pela entrada. E quando se liga para o telefone indicado, ninguém atende. O que fazer? Ir embora? Não. Basta retirar a tranca de madeira do portão e entrar, simples assim. Quanto ao pagamento, basta depositar os 300 yen (pouco mais de dois dólares) na caixa de madeira que tem uma abertura apropriada. No Japão, tais procedimentos são comuns, devido à confiança na honestidade das pessoas, que nesse aspecto são de fato honestas.

Em 767, o primeiro ano da era Jingo-keiun, Jitchu (?-824), um monge budista da seita Kegon, teria construído a estrutura sob as ordens do fundador clerical e sacerdote-chefe do templo Todai-ji, Roben (689-773). Em seus últimos anos, Jitchu já havia supervisionado a expansão do templo Todai-ji e introduzido a liturgia e os rituais ainda usados hoje. A mais notável dessas cerimônias é a de arrependimento Shuni-e, estabelecida por Jitchu a pedido da Imperatriz Komyo (701-760), esposa do Imperador Shomu (701-756), que esperava curá-lo de uma doença.

Diz-se que Genbo (?-746), um monge erudito e burocrata da Corte Imperial em Nara, com grande influência na política e que mais tarde foi exilado para Dazaifu na ilha de Kyushu, foi enterrado no local, e que esta foi a origem do nome Zuto, composto pelos caracteres kanji para “ca-beça” e “torre”.

Há quem compare o seu design com o do Borodubur, monumento budista Maaiana (ou



A pirâmide de degraus de Kumayama. Foto: The Megalithic Portal.

mahayana, “Caminho para Muitos”, a maior das duas principais tradições do budismo, a outra sendo o teravada, “Ensino dos Sábios” ou “Doutrina dos Anciãos”, a mais antiga escola budista fundada na Índia) situado na ilha de Java, Indonésia, construído a partir de 750 d.C., bem como a das pirâmides maias escalonadas do México e da Guatemala. Este estilo é único entre as inúmeras arquiteturas budistas japonesas.

Outros a comparam com a estupa, monumento em forma de torre cônica, circundado por uma abóboda, criado pelo imperador Ashoka no século III a.C. (embora alguns considerem que tenham uma origem megalítica, no segundo milênio a.C.) na Índia para conter as cinzas de Buda e que depois passaram a ser construídos sobre os restos mortais de uma pessoa importante dentro da religião budista. No Japão, a estupa (palavra sânscrita que significa literalmente “empilhar”) era geralmente construída em madeira no estilo da arquitetura chinesa. Zuto, portanto, é um caso excepcional. Um documento antigo do século XI diz que Zuto é uma “torre de 13 camadas”, como as construções em forma de guarda-chuva orna-

mentais geralmente encontradas em estupas na Índia.

Dentro do mesmo estilo arquitetural da pirâmide escalonada de Zuto em Nara, está a de Doto (literalmente “pagode de barro” em japonês), na cidade de Sakai, província de Osaka, construído a sudeste do salão principal do Templo Onodera, fundado pelo monge Gyoki (668-749), pertencente à seita budista Shingon. De forma piramidal, é o único pagode de barro em todo o Japão. Costumava ter 13 camadas, e Gyoki foi quem começou a construí-lo em 727. Com 53,1 metros de lado e mais de 8,6 metros de altura, o pagode tem a forma de uma pirâmide de base quadrada com o topo cortado e é adornado com 50.000 azulejos marrom-avermelhados em toda a sua volta. Entre os azulejos escavados, 1.200 estão inscritos com o que parecem ser os nomes das pessoas e grupos que contribuíram para a construção do pagode.

Também enquadrada no mesmo estilo arquitetural da pirâmide escalonada de Zuto, a de degraus na cidade de Kumayama, província de Okayama, região de Chūgoku, na ilha de Honshu, foi construída no topo do Monte

Kuma, a 508 metros de altura. Tem três camadas com os lados do nível mais baixo medindo 7,8 metros de comprimento. No centro de todos os lados do segundo nível há uma pequena alcova retangular chamada Gan, que se acredita ter sido um pequeno santuário onde as oferendas eram armazenadas, incluindo estátuas budistas. Este estilo de sítio arqueológico é raramente visto e acredita-se que tenha sido um tipo de pagode do período Nara.

Alguns estudiosos acreditam que as estupas antecederam o budismo e originalmente eram montes de terra ou rochas construídas para homenagear reis mortos. Mais tarde, dizem eles, o Buda os imbuíu de significado espiritual. Esta explicação, entretanto, vai contra a tradição budista, que sustenta que como a estupa transmite qualidades iluminadas, ela só poderia ter sido revelada por mentes que atingiram a iluminação.

MIYAKOZUKA, UM TÚMULO EM FORMA DE PIRÂMIDE ESCALONADA

Na encosta de um vale no bairro de Sakada, na vila de Asuka, distrito de Takaichi, província de Nara, está uma dos raros kofuns construídos em forma de pirâmide no Japão, isso porque esses antigos túmulos eram geralmente construídos na forma circular de um buraco de fechadura.

A área ao redor era controlada pelo Clã Soga, família aristocrática japonesa dominante durante os séculos VI e VII. Com base nessa assertiva, alguns especialistas acreditam que a pirâmide de Miyakozuka foi construída no final do século VI para ser o túmulo de Soga no Iname (506-570), pai de Soga no Umako (551-626), cujo atribuído kofun, o de Ishibutai, não muito distante dali, a poucos quilômetros ao

sul, formado por 30 megálitos colossais de granito que pesam ao todo cerca de 2.300 toneladas, é a maior estrutura megalítica do Japão. Miyakozuka está localizado a montante (próximo da nascente do rio) de Ishibutai, no ponto-chave da confluência dos rios Hosokawa e Asuka.

Escavações feitas em 2014 por arqueólogos do Conselho de Educação da vila de Asuka e da Universidade de Kansai, sugeriram que a pirâmide de Miyakozuka é de uma qualidade muito superior do que se pensava. Alguns fragmentos de cerâmica e peças de ferro (espadas, pregos e outros produtos) haviam sido recuperados no local em 1967 por Aboshi Yoshinori, da Universidade de Kansai, mas a estrutura e o tamanho da tumba permaneceram desconhecidos até as descobertas recentes.

O método de construção único e a escala sem precedentes do túmulo, reforçaram ainda mais a suposição de que foi provavelmente construído para um membro do poderoso Clã Soga. Kanekatsu Inokuma, professor emérito de Arqueologia na Universidade Kyoto Tachibana, disse acreditar que “um kofun de tão alta qualidade como este só poderia ter sido construído para um membro do Clã Soga, que exercia uma vasta autoridade”.

A pirâmide de Miyakozuka é formada por uma base quadrada de 41 metros de leste a oeste e 42 metros de norte a sul. Tem mais de seis degraus forrados com seixos de rio em socacos (porção mais ou menos plana de terreno numa encosta, sustida por parede) de 1 metro de largura – mais do que os cinco anteriormente pensados – que estão repletos de um grande número de pedras para reforçar a estrutura. Do jeito que está desgastada pelo tempo e coberta de terra e vegetação,

a pirâmide aparenta ser apenas uma colina regular ou monte circular de 4,7 metros de altura.

Os seixos do rio não foram usados apenas para construir as paredes dos degraus, mas também foram empilhados no interior para formar a base do degrau. Shinji Saiko, um especialista do Conselho de Educação, observou que as técnicas de construção de taipa ainda não eram usadas na época em que o túmulo foi construído: “Ao compactar as pedras nos degraus, os construtores podem ter fortalecido o túmulo embaixo”, disse Saiko. Uma camada de engobe (pasta de cerâmica obtida por mistura de diferentes tipos de argila e outros materiais com água e, em geral, um defloculante como o silicato de sódio) de 20 a 30 centímetros também foi encontrada para cobrir os seixos do rio empilhados.

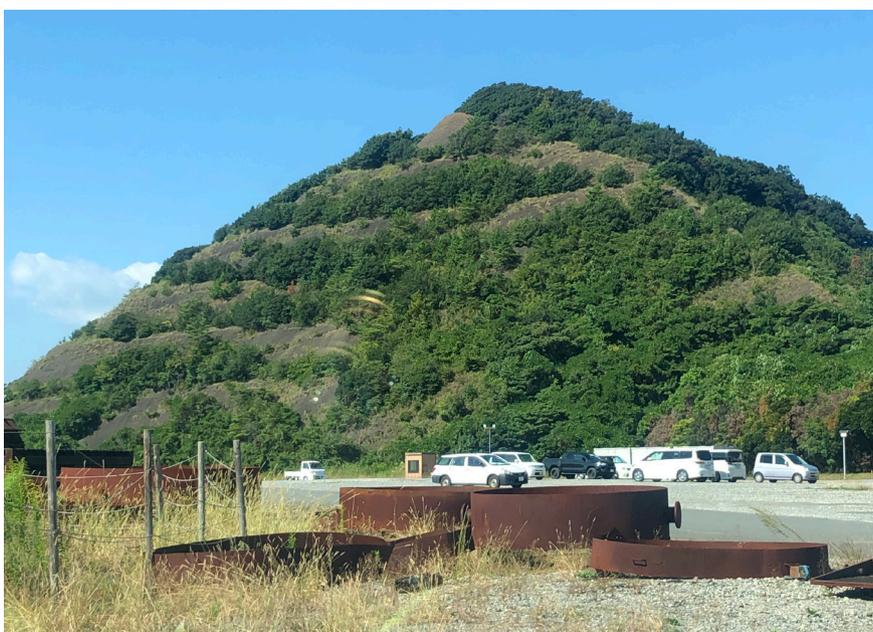
Este é o único kofun em que uma câmara de pedra com um sarcófago pode ser vista pelo público. A câmara de pedra tipo furo horizontal tem 12,2 metros de comprimento, a câmara de entrada, 5,2 m de comprimento, e a parte central, 2,95 m de largura e 3,55 m de altura. O entorno tem

1,9 m de largura e carece de pedras no teto. Quase no centro da câmara de pedra está o sarcófago oco em forma de casa feito de pedra de Tatsuyama, originário da cidade de Takasago, na província de Hyogo, a quase 8 quilômetros de distância. O sarcófago tem 2,36 m de comprimento, 1,58 m de largura e 1,72 m de altura. A tampa é 3 centímetros mais comprida e 12 cm mais larga que o corpo. Existem seis ganchos de corda no teto.

Outro nome para esta tumba é Kinkeizuka (Monte do Faisão Dourado), devido à lenda do faisão dourado que canta do alto do monte todos os anos na manhã do dia de Ano Novo.

A “PIRÂMIDE” DE SHIZUOKA

Ana Dalloglio, uma leitora da revista Enigmas, entrou em contato comigo para comunicar um interessante achado que ela fez na cidade onde ela reside e trabalha, Omaezaki, em Shizuoka, região de Tokai, localizada bem no centro do Japão, que tem uma população de cerca de 17 milhões de pessoas e uma área aproximada de 40.000 km².



A “Pirâmide” de Shizuoka descoberta por Ana Dalloglio. Foto de Ana Dalloglio.

Ela conta que certo dia passava pelo bairro de Niino quando se deparou com um morro em forma de pirâmide. E como na mesma linha dessa “pirâmide” há um templo budista próximo, o Choei Temple ou Kancho-ji (605 Kadoya, Omaezaki, Shizuoka 437-1615), e considerando que linhas de energia percorrem tanto templos como pirâmides, ela suspeitou que poderia de fato tratar-se de uma, ainda mais por seu sugestivo formato. Quem quiser conferir no Google Maps ou Google Earth, é só seguir as coordenadas 34°39’54.5”N 138°06’15.9”E. O endereço dessa “montanha-pirâmide” é Niino, Omaezaki, Shizuoka 437-1611, M483+3Q3.

Procurei por referências sobre esse morro e não encontrei nenhum. Assim, na falta de mais dados e estudos, não há obviamente como tirar qualquer conclusão a respeito no momento. As montanhas dessa área são extremamente próximas às três cordilheiras dos Alpes Japone-

ses (Norte, Central e Sul), todas passando pela província de Nagano, estendendo-se até Gifu ou Shizuoka, chegando ao mundialmente famoso Monte Fuji na Prefeitura de Shizuoka.

Ana teve a gentileza de me enviar fotos e um vídeo curto que fez da “pirâmide” com seu smartphone. Pelas imagens, vê-se que se trata de uma pequena colina ou morrote rochoso cônico de cerca de 25 metros de altura que foi em grande parte coberto pela vegetação. Em termos geológicos, a explicação é que teria sido moldado pela ação dos ventos durante milhões de anos ou seriam fruto de um fenômeno vulcânico. Se não for inteiramente natural, o homem talvez tenha contribuído sutilmente para conferir-lhe uma forma mais simétrica, desbastando certos pontos.

Claro que se um dia for confirmado tratar-se de fato de uma pirâmide, nada mais justo que ela fosse batizada com o nome de sua descobridora, Ana Dalloglio.

AS PIRÂMIDES MAIS ANTIGAS DO MUNDO?

É mera coincidência que pirâmides sejam encontradas em todas as partes do mundo? Será que as culturas que abrangem vastos espaços na geografia e no tempo, como os antigos egípcios, os chineses, os indianos, os maias, incas, toltecas e astecas das Américas, os celtas das Ilhas Britânicas e mesmo os índios do Mississippi do Illinois pré-colombiano, simplesmente tiveram os mesmos vislumbres? Ou as primeiras pirâmides teriam surgido em alguma civilização avançada e daí se espalhado para o resto do mundo? Katsuoki Sakai não só foi o primeiro a reivindicar a existência de pirâmides no Japão, como a conjecturar que foi neste país que elas primeiramente surgiram, fundamentalmente a partir de uma estrutura natural (montanha) que foi utilizada, aprimorada e modificada pelos humanos com finalidades sagradas e ritualísticas.



O Monte Ashitake, que segundo Katsutoki Sakai, seria a pirâmide mais antiga do mundo. Foto de Kimimaro Haruno.



A localização das pirâmides no Japão, segundo Kosaka Wado em seu livro *Documentos Takenouchi Super Ilustrados: Memórias de 300 Bilhões de Anos na Terra*.

Quem pela primeira falou da existência de pirâmides no Japão foi Katsutoki Sakai (1874-1940), um evangelista cristão não ortodoxo, teórico de ancestralidade comum nipo-judaica (vide o meu livro *As raízes hebraicas da Terra do Sol Nascente: O povo japonês seria uma das Dez Tribos Perdidas de Israel?*, Tietê, Editora Revista Enigmas, 2022) e descobridor das “pirâmides do Japão”.

Em seu livro *Pyramids of Primal Japan* (Pirâmides do Japão Primitivo), também traduzido por *Ancient Japanese Pyramids* (Pirâmides Antigas Japonesas, Editora Kokukyo Senmeidan), de 1934, ele anunciou publicamente que a pirâmide mais antiga do mundo seria uma montanha-pirâmide adorada desde o Japão primitivo, o Monte Ashitake, na cidade de Shoubara, em Hiroshima. Segundo Sakai, originalmente essa pirâmide chamava-se “hiramito”, que em japonês soa muito parecido com a palavra “pirâmide”, e os caracteres kanji usados para a palavra sugerem

que originalmente significava “O santuário onde surge a divindade do sol”.

As pessoas que escalam o Monte Ashitake pela trilha bem sinalizada, constatarem pedras gigantescas espalhadas por toda a área. Até mesmo a montanha adjacente, o Monte Kigyo (“Montanha do Grito do Demônio”), tem algumas características muito artificiais, incluindo uma pedra indicadora de direção, um dólmen e um altar. Visto de lá, o Monte Ashitake se parece com uma estrutura em forma de cone, com seus ângulos inclinados que se estendem como um triângulo isósceles. Era do Monte Kigyo que as pessoas adoravam a montanha-pirâmide, o Monte Ashitake. Diz-se que as rochas gigantescas na montanha compõem o mausoléu do primeiro imperador da história japonesa, Jimmu. De acordo com o mito de origem, o imperador Jimmu uniu a nação, conquistando várias regiões do oeste ao leste, após o qual permaneceu na região desta serra

durante oito anos. No início da Era Meiji (1868-1912), quando essa crença se espalhou, muitas pessoas de todo o país acorriam à montanha na esperança de desenterrar tesouros que teriam sido enterrados com o imperador.

Chega a ser estupefaciente que numa época em que as estradas eram escassas e precárias, os meios de comunicação, restritos, e pouca informação se tinha dessa montanha, que Sakai a tenha associado a uma pirâmide e desafiado as percepções normativas vigentes profundamente arraigadas de que só no Egito e na América Central é que havia pirâmides. Sakai nasceu em 1874 na prefeitura de Yamagata, foi batizado aos 14 anos e depois ingressou na Tohoku Gakuin, uma escola para formar evangelistas cristãos. Em 1898, ele viajou para São Francisco, nos Estados Unidos, onde trabalhou como repórter em um jornal, estudou em uma faculdade de música em Chicago e no Moody Bible Insti-



A montanha-pirâmide Togariyama. Note o topo estranhamente aplainado.

tute. Depois de retornar ao Japão em 1902, ele montou a Tokyo Singing School e trabalhou como clérigo, atraindo muita atenção. Ter estudado no Ocidente e se aperfeiçoado em múltiplas disciplinas – jornalismo, música e religião –, fez dele um verdadeiro outlier (fora de série) daquele tempo.

Sua paixão por investigar as crenças religiosas e espirituais do mundo nunca cessou, e durante seu serviço militar na Guerra Russo-Japonesa (1904-05) e na Sibéria, se deparou com a teoria da ancestralidade comum nipo-judaica. Em 1929, ele foi ao Santuário Koso Kotai Jingu em Isohara-machi e teve a oportunidade de ler e estudar o muito debatido documento paleográfico apócrifo Takeuchi Monjo, de propriedade do fundador da seita, Kiyomaro Takeuchi.

Apesar de muitos classificarem o documento como uma mera falsificação, Sakai viu vários tópicos de interesse nele, como as semelhanças da religião hebraica com a xintoísta, o mito de que as pirâmides se originaram no Japão, etc. O documento também lança uma luz completamente diferente sobre o sistema imperial do Japão, retratado nos reconhecidos documentos históricos Kojiki ou Furukotofumi (Os

Registros de Assuntos Antigos, o livro mais antigo sobre a história do Japão, compilado por volta de 712 d.C.) e Nihon Shoki (Crônicas do Japão, o segundo livro mais antigo sobre a história do Japão, datado de 720 d.C.), e desafiou a compreensão coletiva da história japonesa.

O encontro com o Takeuchi Monjo inspirou e impactou tremendamente Sakai, que publicou muitos livros que descreviam as descobertas de suas buscas ao longo de sua vida, entre eles Jewish World Conquest Movement (Movimento Judaico de Conquista do Mundo, 1924), The Great Conspiracy of the Jewish People (A Grande Conspiração do Povo Judeu, 1924), Moses Ten Commandments (Dez Mandamentos de Moisés, 1929), Hundred Episodes of the Age of God (Cem Episódios da Idade de Deus, 1930), Armageddon Decisive Battle Between the Heavenly Army and the Devil (Batalha Decisiva do Armagedom entre o Exército Celestial e o Diabo, 1937) e The Descendants of God and People Chosen by God (Os Descendentes de Deus e o Povo Escolhido por Deus, 1938).

MONTANHAS-PIRÂMIDE

Muitas pirâmides no Japão foram construídas aproveitando-se

a forma natural das montanhas, pelo que são justamente chamadas de “montanhas-pirâmide”, ou seja, a montanha original é modificada para uma forma cônica artificial. Ao longo do tempo elas são inteiramente cobertas pelo solo e pela vegetação e passam a parecer florestas naturais, como foi o caso das pirâmides maias, por exemplo, que até o final do século XIX estavam quase que inteiramente recobertas pela terra e pelo mato.

Essas montanhas foram modificadas por motivos sagrados. Por isso seus topos são geralmente aplainados, de modo a permitir a realização de rituais. O centro do ritual é a pirâmide, e a pirâmide japonesa é uma montanha cuja natureza foi modificada organizando as pedras para rituais de adoração ao sol. Como quase todos os monumentos sagrados em redor do mundo, foram alinhados com o nascer e o pôr do sol do solstício de verão ou inverno, com estrelas e constelações, bem como com outros lugares sagrados ao redor do mundo. Além disso, existem “pedras de espelho” e “pedras de azimute” para adoração nas montanhas, e as “pedras do sol” em forma redonda são colocadas no topo da montanha.

Mas por que as pirâmides tinham tanta importância e significação para os antigos japoneses, a ponto de moldarem montanhas inteiras nesse formato? Porque as montanhas-pirâmide estabilizavam a terra durante terremotos e, conforme se acreditava, enviavam energia fertilizante para o solo, melhorando as colheitas.

Uma montanha-pirâmide japonesa tem três características básicas:

1. É triangular no perfil. Enquanto as pirâmides egípcias e maias têm bases quadradas, as pirâmides japonesas geralmente

têm uma base circular, embora também hajam quadradas.

2. No topo da montanha estão os iwakura, plataformas rochosas (megálitos) para os kami descerem. Esses megálitos tanto podem ser em forma de menires, de dólmenes ou círculos.

3. Como os iwakura são sagrados, geralmente há um local de adoração para rezar aos kami da montanha.

Antes mesmo do xintoísmo, a prática espiritual dos povos antigos era a de se conectar com o universo no topo das montanhas. Mais tarde, quando os santuários começaram a ser erguidos, estes eram, na maioria das vezes, alinhados no sentido leste-oeste e com os ciclos solsticiais.

O astroarqueólogo e ufólogo Kosaka Wado (1947-2002), que foi um dos tradutores dos apócrifos Documentos Takenouchi (ou Takeuchi), em seu livro Documentos Takenouchi Super Ilustrados: Memórias de 300 Bilhões de Anos na Terra (Tokuma Shoten, 1995), forneceu uma lista de quinze proeminentes montanhas-pirâmide do Japão, que tipicamente têm uma forma cônica com uma base circular.

O MONTE TOGARI

Uma dessas montanhas é Togariyama (“Togari” significa pontiagudo, e “yama”, montanha). Togari é popularmente pronunciado Tongari. Esta montanha de 559 metros fica na prefeitura (ken) de Toyama, província situada na principal ilha do Japão, Honshu, e está nas listas de montanhas-pirâmide de Sakai e Kosaka.

Togariyama possui um perfil triangular acentuado e um topo plano. A montanha pode ser escalada em uma hora, por meio de uma trilha. Sua base redonda difere geometricamente das

montanhas circundantes, o que leva muitos a considerá-la uma montanha artificial. Fluindo para a Baía de Toyama está o rio Jinsu de Gifu-ken. A leste, fica o rio Joganji, que corre perto de Togariyama.

Em 1984, um professor da Universidade de Toyama pesquisou a montanha. Com base no processamento do trabalho em pedra na encosta norte, ele declarou que não é uma montanha natural. Além disso, há vários santuários dispostos radialmente e centrados em Togariyama.

Diz-se que o túmulo de Ninigi no Mikoto (“O Grande Deus Ninigi”, que também pode ser traduzido como “Amado fabricante de joias”) está nessa pirâmide. Na mitologia japonesa, conforme narrado no Nihon Shoki, Amatenigishi-kuni-nigishi-amatsuhiko-hiko-ho-no-Ninigi-no-Mikoto (seu nome original) foi enviado pela sua avó, a deusa Amatersau, para governar e pacificar o Japão e ensinar o cultivo de arroz. Para cumprir esses desígnios, Amaterasu forneceu-lhe os Três Tesouros Sagrados do Japão (conhecidos como as Três Relíquias Imperiais do Japão), acessíveis somente aos imperadores: a joia

Yasakani no Magatama (preservado no Palácio Imperial Kokyo em Tóquio), o espelho Yata no Kagami (no Santuário Ise, em Mie), e a espada Kusanagi no Tsurugi (em Atsuta Jingu, em Nagoya). Os dois primeiros artefatos foram utilizados para chamar a deusa Amaterasu para fora da caverna Iwayado. A espada foi encontrada por seu irmão Susano em uma das caudas do Dragão de Oito Cabeças e Oito Caudas (Yamata no Orochi). Saruta-hiko, deus da Terra, tentou se opor à sua chegada, mas Ame-no-Uzume-no-Mikoto o acalmou e convenceu-o a partilhar o seu reino. Eles se casaram depois. Ninigi e sua namorada Ko-no-Hana se encaminharam então para Himuka (atual Hyuga, cidade na prefeitura de Miyazaki), onde Ninigi construiu o seu palácio. Eles tiveram três filhos, Hosuseri, Hoderie Hoori. No entanto, seu casamento não durou, pois Ninigi estava com ciúmes e desconfiado. Desesperada, Ko-no-hana incendiou sua cabana e pereceu nas chamas. O primeiro imperador (lendário) do Japão foi Iwarebiko, bisneto de Ninigi, conhecido postumamente como Imperador Jimmu, que estabeleceu o império no ano de 660 a.C.



O Monte Kuromata, na cidade de Kazuno, província de Akita.



O Taihakusan, com sua forma piramidal. Foto: Wkatsuhiro

O MONTE TATEYAMA, UMA DAS TRÊS MONTANHAS SAGRADAS DO JAPÃO

A leste de Togariyama (36,6 N, 137,3 E) está a montanha sagrada Tateyama (36,6 N, 137,6 E), da cordilheira de Hida (Alpes do Norte), que fica perto da fronteira Nagano-ken. Oyama Jinja é o santuário que venera Tateyama. Existem três locais de santuário: o honsha no pico, um santuário no meio do caminho e um terceiro santuário nas planícies. Teria Togariyama sido construído como um centro ritualístico a partir do qual os participantes celebravam o equinócio solar sobre Tateyama?

Com 3.015 m, Tateyama é a montanha mais alta de Toyama-ken e uma das cem montanhas japonesas mais famosas, bem como uma das Três Montanhas Sagradas do Japão, junto com os Montes Fuji, Hakusan e Tateyama.

MONTE KUROMATA, A “PIRÂMIDE DO JAPÃO”

O epíteto de “Pirâmide do Japão” cabe ao Monte Kuromata, comumente chamado de “Kuromanta”, a 280 metros acima do nível do mar, na cidade de Kazuno, na província de Akita, pois quando visto à distância, apre-

senta lados simétricos em forma triangular. Dois quilômetros a sudoeste estão os Círculos de Pedra de Oyu, que fazem parte de uma série de alinhamentos astronômicos de sítios arqueológicos do período pré-histórico japonês de Jomon (12.000 a.C. a 300 a.C.) em Hokkaido e na região norte de Tohoku. Diz-se que o nome local “Kuromanta” tem raízes na língua Ainu, e a lenda também diz que o local é um túmulo onde Kuromata, o chefe da comunidade local nos tempos antigos, foi enterrado. No topo da montanha, aplainado, como é de praxe em montanhas-pirâmide, está o Santuário Motomiya, cujo portão torii está localizado no início da trilha.

A forma de pirâmide teria sido conferida pelo povo Jomon há cerca de quatro mil anos. A partir da colina natural, os jomon ergueram sete camadas e depois alisaram as encostas laterais. A cobertura florestal faz com que a pirâmide pareça uma montanha natural, exceto por sua simetria. Os agricultores cultivam uma variedade de produtos ao seu redor, ainda mais porque as pirâmides são consideradas benéficas para o cultivo de alimentos.

A teoria de que o Monte Kuromata é uma pirâmide antiga

se fortaleceu entre os acadêmicos, tanto que na década de 1990 um grupo formado por arqueólogos reuniu especialistas em estudos do folclore xintoísta, antropólogos culturais e outros para uma investigação que tentasse desvendar os mistérios da montanha. De acordo com o relatório investigativo publicado em março de 1995, uma sonda subterrânea baseada em radar detectou uma reação indicando a existência de estruturas artificiais na área subterrânea abaixo do cume, e que também é a área abaixo do edifício principal do santuário xintoísta. O relatório concluiu haver “fortes sugestões de que o local foi construído com objetivos específicos, através da reestruturação da montanha na natureza, bem como da construção de estruturas artificiais.” Ou seja, em termos mais claros, o Monte Kuromata foi moldado pelo homem na forma de uma pirâmide de degraus. Fragmentos de cerâmica do final do período Jomon e do período Yayoi, bem como partes dos círculos de pedra, foram escavados ali, sugerindo que toda esta montanha era considerada um lugar sagrado entre os povos antigos.

MONTE MIKAMI, O MONTE FUJI DA PROVÍNCIA DE ŌMI

O Mikamiyama ou Monte Mikami (35.0503°N 136.0378°E), de 432 metros de altura, na cidade de Yasu, prefeitura de Shiga, apesar de sua altitude relativamente baixa, também é chamado de “Ōmi Fuji”, ou seja, o Monte Fuji da província de Ōmi, o antigo nome da prefeitura de Shiga, por causa de sua forma cônica que se destaca às margens do Lago Biwa. No sopé do Monte Mikami está o santuário xintoísta Mikami. Tanto o Monte Ibuki, o pico mais alto da província de Shiga, com 1.377 metros de altura, na fronteira de Maibara, quanto o Monte Mikami, dentro da área

do Parque Natural da Província de Mikami-Tanakami-Shigaraki, estabelecido em 1969, podem ser vistos facilmente das janelas do trem Tóquio-Kyoto/Osaka Shinkansen, à medida que passa pela cidade.

O MONTE ASHITAKE

Com 815 metros, o Monte Ashitake, no bairro de Honmura-cho, na cidade de Shobara (a vila mais antiga do Japão), província de Hiroshima, é reconhecido oficialmente como uma pirâmide pelas autoridades, tanto que em suas encostas e em seu topo há cartazes que o nomeiam como tal. No entanto, não se encontra nenhuma informação adicional a respeito.

O MONTE TAIHAKU

O Taihakusan (“A Grande Montanha Branca”) é uma montanha de 320 metros de altura com uma forma cônica situada na periferia oeste do centro de Sendai, perto do montanhoso campus da Universidade Tohoku (Moniwa, Ala Taihaku, Cidade de Sendai, Prefeitura de Miyagi 982-0251). Durante o Período Edo (1603-1868), Sakuma Dogan, um pintor e calígrafo confucionista, descreveu a montanha, chamada de “Monte Fuji de Sendai” e “Monte Fuji de Natori”, como habitada por gigantes e sennin(ermitões da montanha imortais). Embora existam poucos avistamentos de gigantes ou imortais hoje em dia, um pequeno santuário no pico é testemunho de uma presença sagrada na montanha.

Seu formato, destacado em um outdoor, é a de um tongari (triângulo equilátero). Outro nome dado à montanha é Taihaku-hoshi, que significa “Grande Estrela Branca”. Seria uma referência ao planeta Vênus? No topo há um santuário de pedra, o Kifune Jinja. Espalhados nos arredores, há muitas pedras grandes, não

exatamente megálitos, alguns com superfícies em ângulo reto.

O MONTE HIMUROGATAKE

Himurogatake, no norte de Quioto, é uma montanha onde se diz que Amaterasu desceu à terra, e foi moldada por ela. Este é um lugar onde você pode realmente sentir as origens da devoção religiosa no Japão. No solstício de verão, você pode ver o sol se pondo no topo da montanha-pirâmide. Por ser sagrada, a exploração da montanha é proibida, mas você pode subir pela parte de trás. Há também um banco de pedra perto do cume. Dizem que se você orar para Himurogatake enquanto o contempla, qualquer desejo se tornará realidade, daí ser chamada também de “Ichigan-san”, porque realiza desejos.

MONTE MIWA

O Monte Miwa (Miwayama), também chamado de Monte Mimoro, é uma montanha sagrada localizada na cidade de Sakurai, prefeitura de Nara. Toda a montanha é considerada sagrada e abriga um dos primeiros santuários xintoístas, o Santuário

Ōmiwa. Vários túmulos do Período Kofun podem ser encontrados ao redor da montanha. A escala é permitida, desde que obtenha permissão no escritório do Santuário Saijinja. Eles não aceitam inscrições depois das 14 horas, pois você precisa sair da montanha às 16 h.

O kami (espírito) geralmente associado ao Monte Miwa é Ōmononushi (Ōmono-nushi-no-kami), um deus da chuva. O Monte Miwa foi descrito pela primeira vez no Kojiki como Monte Mimoro. Ambos os nomes eram de uso comum até o reinado do imperador Yūryaku (418-479), após o qual Miwa foi preferido. O culto religioso em torno do Monte Miwa foi considerado o mais antigo e primitivo desse tipo no Japão, datando da pré-história, e o Santuário Ōmiwa ainda considera a montanha como seushintai, ou residência do kami. O kami residente no Monte Miwa foi julgado o mais poderoso pelo clã Fujiwara e, conseqüentemente, palácios e estradas foram construídos nas proximidades. Os líderes Yamato muitas vezes governavam de palácios perto de



Himurogatake, a montanha misteriosa que deus formou, em forma pirâmide, naturalmente. Foto: Vinaya Moto.



O Monte Yakushi e suas irmãs menores, todas em forma de pirâmides.

montanhas sagradas e construíam túmulos ao redor deles, pois era um santuário proeminente tanto para os habitantes locais quanto para os reis Yamato. Seis túmulos ou kofuns foram encontrados na área de Shiki, na base do Monte Miwa. Esses montes de terra foram construídos entre 250 e 350 d.C., e todos exibem a mesma forma de buraco de fechadura ou jarro de maná, e câmaras de pedra foram encontradas em montículos anteriores. Os túmulos encontrados no Monte Miwa sugerem o início de um estado Yamato mais centralizado. Todos os seis montes são excepcionalmente grandes, duas vezes maiores que quaisquer montes semelhantes encontrados na Coreia, e contêm quantidades prolíficas de espelhos, armas, ornamentos, bem como caixões de madeira e bambu finamente construídos.

O MONTE YAKUSHI, A “PIRÂMIDE” VISITADA POR ISABELLA BIRD

O Monte Yakushi ou Yakushiyama é uma montanha em forma de pirâmide de 437 metros na cidade de Mogami, província de Yamagata, região de Tohoku, ilha de Honshu. Juntamente com suas duas irmãs menores, Nakanomo-

ri e Kumatakamori, é conhecida como os três picos de Kanayama, a versão japonesa das três pirâmides de Gizé: Quéops, Quéfren e Miquerinos.

A sugestão de que tais montanhas fossem pirâmides foi feita em 1878 pela exploradora, fotógrafa, naturalista e escritora inglesa Isabella Lucy Bird (1831-1904), que disse ter encontrado “as pirâmides do Japão” em Kaneyama, província de Yamagata.

Isabella Bird documentou sua viagem por meio de uma série de cartas à sua irmã, cartas estas posteriormente compiladas em um livro intitulado *Unbeaten Tracks in Japan* (New York, G. P. Putnam’s Sons, 1880, two volumes) publicado pela primeira vez em dois volumes em 1880 por John Murray, que mais tarde publicou uma versão abreviada de um volume em 1885. O livro relata como Bird fez a viagem com um intérprete japonês chamado Ito, visitando lugares que poucos ou nenhum ocidental tinha visto antes, entre junho e setembro de 1878. Ele registra em grande detalhe suas respostas às casas, roupas e costumes japoneses, e o natural ambiente, como eram

durante os primeiros anos da Restauração Meiji. Ela também descreveu em longas passagens suas visitas ao povo Ainu e a extrema pobreza de muitos japoneses fora das grandes cidades.

Foi cerca de um mês e meio de sua jornada de quatro meses de Tóquio a Hokkaido, que Bird chegou a pacata cidade de Kaneyama, no norte da província de Yamagata, deparando-se lá com suas “pirâmides”, que ela descreveu assim: “Um semicírculo de colinas piramidais, tornadas mais impressionantes por serem cobertas até seus cumes com *cryptomeria* (cedro-japonês). A seus pés está Kanayama...” (pp.279-280)

Isabella Bird referiu-se tão somente às formas piramidais das montanhas, não especulando que se tratassem de monumentos artificiais, mas foi o que bastou para que elas fossem chamadas desde então de “pirâmides”, embora não os sendo, propriamente. De qualquer forma, ela se mostrou à frente do seu tempo, pois naquela época nem sequer se fazia tais cogitações.

A face leste de Yakushiyama foi escavada, conferindo-lhe uma forma distinta que desde então se tornou um símbolo da cidade de Kaneyama.

O MONTE SENGANMORI

A característica distintiva da montanha Senganmori, de 462 metros de altura, na cidade de Iinomachi, prefeitura de Fukushima, na região de Tohoku, nordeste do Japão, é sua bela forma de pirâmide, que pode ser vista de todas as direções. Acredita-se que Senganmori é, de fato, uma antiga pirâmide artificialmente construída, crença essa reforçada pela sua atmosfera mística e pelo seu forte campo magnético, que interfere no funcionamento das bússolas.

Além disso, muitos acreditam que a montanha é uma “base oculta de OVNI”, já que muitos relataram terem visto esses objetos rondando a área. Os moradores da cidade, quando interpelados, costumam dizer, com uma cara bastante séria: “Senganmori não é brincadeira. Eles (os OVNI) realmente aparecem na área...”

Não foi por acaso, portanto, que o Museu UFO Fureaikan foi instalado em Inomachi, cidade que foi revitalizada graças ao afluxo de turistas que vão ali em busca de OVNI e experiências místico-religiosas.

Visitado anualmente por cerca de 30.000 pessoas, o Museu UFO Fureaikan conta com um acervo de cerca de 5.000 itens ufológicos, 3.000 dos quais, incluindo quase mil documentos oficiais, foram doados pelo falecido e famoso ufólogo Kinichi Arai, pioneiro na pesquisa japonesa de OVNI e fundador da Japan Flying Saucer Research Association (JFSA), que ele fundou em 1955. Quando Arai faleceu em 2002, os materiais foram transferidos de uma biblioteca de OVNI que ele havia montado em Gotanda, Tóquio. Escritores famosos como Yukio Mishima (1925-1970) e Shinichi Hoshi (1926-1997), estavam entre os membros da JFSA.

A sede do International UFO Lab (IUL) ou Laboratório Internacional de OVNI, que clama ser o único instituto de pesquisas credenciado do Japão para os Objetos Voadores Não Identificados, está alojado no prédio Museu UFO Fureaikan.

O motivo de Fukushima ter sido escolhida como sede, deveu-se não propriamente ao Terremoto e Tsunami de Sendai seguido pelo “Acidente” na Usina Nuclear da cidade em 11 de março de 2011, como se poderia pensar, e sim, de acordo com o UFO Interactive Hall e a outras fon-

tes, ao fato de que na década de 1970 um OVNI em forma de cone emissor de luz foi testemunhado perto do misterioso Monte Senganmori, causando um rebuliço entre os moradores.

Após os avistamentos, o distrito iniciou esforços para promover a região como a “cidade natal dos OVNI”, e em 1992 o salão interativo foi estabelecido como uma instalação central.

MONTE KASAGI

O Monte Kasagi, na Prefeitura de Gifu (o coração literal e figurativo do Japão, com aldeias tradicionais intactas, aninhadas em cordilheiras pitorescas), não só possui uma forma piramidal, ou mais reconhecidamente, de um guarda-chuva, daí seu nome (Kasa é guarda-chuva em japonês), como também estranhas estruturas piramidais de pedra em suas encostas. O desfiladeiro de Ena, nas proximidades, é mais popular por sua beleza do que o Monte Kasagi, mas os arredores deste parecem emanar muito mais energia, requinte e mistérios.

A uma altitude de 1128 metros, o Monte Kasagi está localizado no meio de uma área rochosa densamente arborizada e surpreendentemente subpovoada fora da grande cidade de Nagoya, no centro-norte do Japão. É pouco conhecido por estrangeiros, e mesmo por muitos japoneses.

As formas estranhas de seus megálitos se devem em grande parte à erosão do granito, ou seja, foram utilizados artificialmente e artificialmente trabalhados sobre formas sugeridas ou fornecidas naturalmente.

Praticamente escondida em meio à abundante vegetação da floresta está uma pirâmide de pedra quase perfeitamente simétrica na encosta do Monte Kasagi. Com cerca de 2,50 metros de altura e 4 m de largura na base, foi esculpida com precisão a partir de um único bloco maciço de granito sólido pesando cerca de 9 toneladas, embora a superfície não seja adornada por marcações de qualquer tipo. Quem a esculpiu, quando e com que propósito, ninguém sabe. Nenhuma pedra equivalente é encontrada nas



A montanha-pirâmide Senganmori, onde OVNI costumam rondar.



Uma das pirâmides do Monte Kasagi.

imediações, de modo que mover o bloco pesado para sua localização na encosta de uma montanha exigia habilidades de transporte equivalentes à sua escultura.

Nenhum enterro foi associado a este “trigonon”, como é referido pelo professor Nobuhiro Yoshida, presidente da Japan Petroglyph Society (Kitakyushu). Ele é um entre muitos estudiosos japoneses que estudaram a estrutura. A tradição popular entre o camponato local, descreve uma cobra branca que habita sob e dentro da pirâmide do Monte Kasagi.

Em um ritual pré-histórico ainda realizado anualmente por moradores piedosos, eles deixam uma oferenda de ovos como uma festa cerimonial para o serpentina genius loci, ou “espírito do lugar”. A relação mítica entre uma cobra sagrada e o simbolismo do ovo não ocorre em nenhum outro lugar do Japão ou no resto da Ásia. Mas é conhecido do outro lado do mundo, no Vale do Nilo, como Kneph, a manifestação da serpente de Khnemu.

Seu poder de serpente (Kneph) parece ser a versão egípcia de Benten, a deusa do “trigonon” do Monte Kasagi, porque seu mito a descreve como a

Senhora das Serpentes Brancas e fala de sua antiga chegada ao Japão do outro lado do mar. Curiosamente, seu emblema é uma pirâmide, conforme atestam imagens de pedra e bronze.

O ângulo do ápice do “trigonon” – 76 graus – é idêntico ao da Grande Pirâmide de Gizé. Quatro outras estruturas de pedra igualmente cortadas estão espaçadas a cada 100 metros, três delas formando um padrão triangular ao longo do cume do Monte Kasagi. Sua vizinhança imediata é extraordinariamente rica em arte rupestre pré-histórica, indicando que essa área remota e quase inacessível era importante para os construtores de pirâmides.

O JAPÃO TERIA SIDO PARTE DO CONTINENTE DESAPARECIDO DE MU?

Desde 1978, a Japan Petroglyph Society encontrou nada menos do que 3.000 rochas com gravuras em todas as ilhas japonesas. É de notar que a maioria delas estão localizadas nos recintos ou nos cumes de colinas sagradas, adoradas pelos habitantes nativos desde a Pré-história. 85% das 3.000 rochas gravadas estão em locais de culto religiosos muito antigos: em cachoei-

ras, no topo de montanhas sagradas, nos templos ou santuários e nas falésias.

As tábuas de pedra gravadas escavadas em um dos santuários em Okinawa, mantidas no Museu Governamental da prefeitura de Okinawa, indicam que desde as eras pré-históricas (cerca de 10.000 a.C. a 4.500 a.C.), os “povos do mar” costumavam habitar e construir monumentos de pedra peculiares na região. Em uma das tábuas, grandes pássaros estão gravados no topo, bem como na parte inferior de edifícios (antigos santuários).

Ainda hoje os povos nativos de Okinawa têm fé sincera e crença piedosa na lendária pátria “Nidai-Kanai”, que se acredita ter sido um lugar muito distante no oceano, onde seus ancestrais viveram uma vida feliz. Alguns estudiosos supõem que essa pátria lendária tenha sido o continente perdido e afundado de Mu. Não sabemos exatamente quando o continente de Mu afundou, mas de acordo com a arqueologia submarina, algum tipo de catástrofe geológica aconteceu por volta de 10.000 a.C., o que corresponde às lendárias histórias de Okinawa.

Doze tábuas de pedra guardadas no Museu Governamental, contam histórias completas da cultura e religião dos Mu naquela época e nos fornecem pistas para desvendar as origens enigmáticas das línguas e escritas humanas. Outra característica dos petróglifos japoneses, é que 30% deles podem ser decifrados como cuneiformes, proto-sumérios e sumérios.

Os petróglifos japoneses estão relacionados com as escritas sumérias pelo simples motivo de que as raízes do Japão, assim a do povo hebraico, estão na antiga Suméria. Supõem-se que nas eras pré-históricas tardias, tribos marítimas sumérias ameaçadas

por invasões acadianas fugiram para os mares. E algumas tribos chegaram ao Japão pré-histórico. Estudiosos pertencentes à Sociedade Epigráfica da Universidade de Harvard, costumavam sugerir que os povos marítimos sumérios chegaram ao Extremo Oriente, enquanto outros grupos chegaram às Américas.

Refúgios e santuários de tipo sumério são encontrados em Shikoku, Kitakyushu e em várias partes do Japão. Abrigos rochosos recentemente identificados na mina do Monte Nakatsu, na cidade de Tokushima, são semelhantes ao assentamento neolítico de Skara Brae, situado na Baía de Skail, a maior das ilhas Órcades. É composto por dez casas agrupadas que foram habitadas aproximadamente entre 3180 a 2500 a.C.

Em Shikoku, formações rochosas semelhantes foram encontradas em três topos de montanhas, e todas se parecem com o "Heaiu" (santuário rochoso no Havaí). O fato mais interessante é que tais formações rochosas possuem muitas rochas-cúpula em seus recintos. Cúpulas são características das ilhas do Havaí, onde petróglifos também podem ser encontrados. Diz-se que petróglifos e cúpulas havaianas foram feitos pelos povos do mar que vieram para o Havaí em eras pré-históricas.

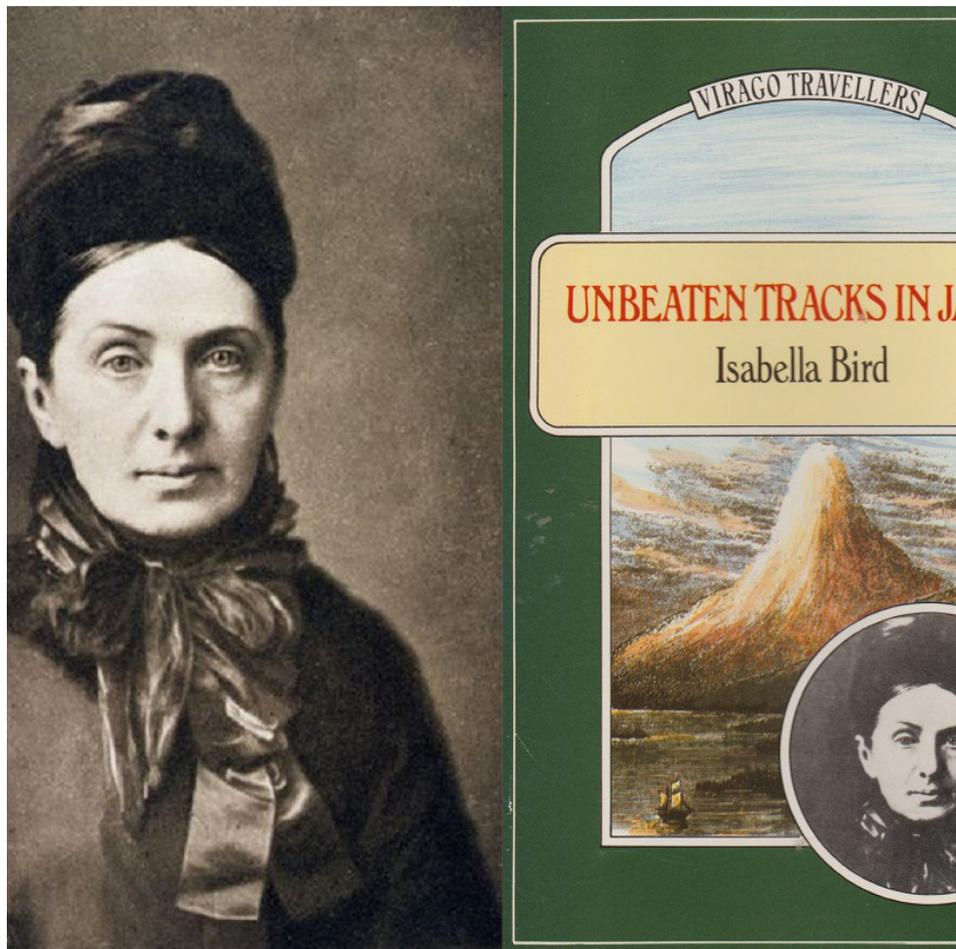
Suas pátrias não são conhecidas, mas as lendas havaianas dizem que esses petróglifos e cúpulas foram feitos por essas pessoas, que reproduziram os costumes e tradições de suas pátrias, situadas a oeste do Pacífico. Se os marinheiros que chegaram às ilhas havaianas tivessem vindo do oeste do Pacífico, o Japão, onde cúpulas e petróglifos semelhantes são encontrados, deve ter sido uma de suas pátrias. Há uma pirâmide de 4 metros de altura

em uma cachoeira na província de Mima, Tokushima, cultuada pelos nativos como o "trígono divino". Os nativos acreditam que a rocha era a fonte do leite materno, a fonte da vida, motivo pelo qual chamam o local de "Chibushan Taki" (Cachoeira do Seio), onde em 28 de outubro de 1997, "Djasla" (Deusa da Terra) foi encontrada esculpida na pirâmide, o que provou a lenda local da cachoeira.

Os habitantes pré-históricos tinham a crença piedosa na deusa da terra, e a água pura e doce era considerada uma dádiva da deusa da natureza. Frank Joseph, editor-chefe da revista *The Ancient American*, foi convidado oficialmente pelo Governo de Tokushima, incluindo cinco cidades e duas aldeias, para fazer pesquisas acadêmicas e dar pa-

lestras sobre os sítios pré-históricos em Shikoku, que ele achou bastantes parecidos com os do noroeste da Europa.

Há muitas semelhanças entre a mitologia suméria e a japonesa. Os sumérios (3000 a.C. a 1.400 a.C.) são considerados os primeiros adoradores do sol. A segunda tríade de deuses planetários incluía o deus do sol Utu (equivalente ao japonês Amaterasu), Nanna-Suen (a lua), associado à adoração de cobras (equivalente ao japonês Tsuki-yomi), e Inanna (Vênus, equivalente ao japonês Izanami, esposa de Izanagi). Notam-se muitas semelhanças entre as primeiras religiões das duas culturas, envolvendo a adoração da deusa da Terra e estatuetas de argila de olhos esbugalhados, os círculos de calendário lunisolar, o simbolismo da suástica, etc.



Isabella Bird e seu livro *Unbeaten Tracks in Japan*.



Os restos da Pirâmide Oishigami, na vila de Shingo.

Por volta de 1200 a.C., os fenícios refinaram a linguagem que herdaram dos sumérios e reduziram as centenas de símbolos para menos de trinta, ao mesmo tempo, em que espalhavam o conhecimento do círculo de pedra e do calendário astronômico até a Grã-Bretanha (Waddell, L. A. *The Phoenician Origin of Britons Scots and Anglo Saxons Discovered by Phoenician and Sumerian Inscriptions in Britain by Pre Roman Britain Coins*, Whitefish, Montana, Kessinger Publishing, 2010, pp.234). Waddell também observou que inscrições sumérias podem ser vistas nas pedras de observação do Círculo de Pedras de Keswick.

A tecnologia do círculo de pedra e o sistema de calendário possivelmente chegaram ao Japão do Oriente Próximo através do Cáucaso, na Ásia Ocidental, passando pelas ilhas Andamã, arquipélago indiano do Golfo de Bengala, e por Yunnan (província no sudoeste da China) e Shaanxi (província no nordeste da China, onde foi encontrado o famoso Exército de Terracota). Os primeiros monólitos e círculos de pedra são da região da Mesopotâmia e da Anatólia, na Turquia. Os sumérios espalharam a tecnologia para os povos semitas e outras tribos e reinos vizinhos, como os fenícios e os egípcios.

Por volta de 3.000 a.C., os fe-

nícios surgiram como uma colônia de comerciantes que mantinham relações próximas com os sumérios, cortavam árvores nas montanhas do Líbano, transportando-as rio abaixo para a Suméria. Eles se tornaram habilidosos construtores de barcos e navegadores, construindo cidades e portos ao longo da costa leste do Mediterrâneo e negociando com terras distantes, incluindo Egito e Grécia.

Os fenícios adoravam pedras sagradas sob o nome de Baetylia, palavra evidentemente derivada do Betel hebraico.

A origem da construção do santuário xintoísta pode ter sido a construção de monumentos de pedra para abrigar pedras mágicas ou sagradas. Há evidências desse culto especial às pedras sagradas de Baetylia originado na esfera fenícia ou semítica, com o culto da pedra se espalhando por toda a área mediterrânea e em outros lugares, vide a prática do culto pagão pré-islâmico de adoração à pedra negra da Caaba em Meca, o cubo (Ka'ba) do templo de Dhu Shara (por vezes transliterado como Dusares, "Senhor da Montanha"), divindade adorada pelos nabateus em Petra e Madain Saleh, associada a Zeus na Grécia, e a pedra em forma de ônfalo (palavra de origem grega que significa "umbigo" e que é, desde tempos remotos, o símbo-

lo do centro a partir do qual se dá a criação do mundo) de Heliogáballo, o "senhor" religioso ou Ba'al de Emesa, na Síria. O nome é a forma latinizada do árabe "Ilah al-Jabal", que em árabe significa "Deus da Montanha".

MONTE TSURUGI

O Monte Tsurugi é uma montanha de 1.954 metros de altura na fronteira de Miyoshi, Mima e Naka na província de Tokushima. O Monte Tsurugi é a segunda montanha mais alta da ilha de Shikoku e também a segunda montanha mais alta a oeste do Monte Haku, que fica na fronteira de Ishikawa e Gifu, no centro do Japão.

Tsurugi significa "espada", e a lenda diz que a espada imperial do imperador Antoku está enterrada na montanha. Esta é uma das lendas mais plausíveis. Diz-se também que Tsurugi é o local onde está escondida a Arca da Aliança, que provavelmente se assemelhava aos palanquins divinos mikoshi ainda usados no Japão hoje. Escavações arqueológicas no início do século passado revelaram um complexo de túneis sob o topo da montanha, após o que as escavações foram proibidas. Diz-se também que a montanha é protegida por uma enorme serpente branca.

A montanha é sagrada para os praticantes da religião secreta Shugendo, que combina elementos do xintoísmo, budismo esotérico e taoísmo. No topo da montanha, há um pequeno santuário chamado Tsurugi Jinja. Os crentes se vestem com roupas brancas e peles de animais e realizam caminhadas desafiadoras nas montanhas para desenvolver sua espiritualidade. Seus ritos envolvem o sopro de conchas, e as notas tristes desse instrumento incomum rolando sobre a montanha é um som emocionante e inesquecível.

O MONTE MINAKAMI

O Monte Minakami, na cidade de Nagano, região de Chubu, é uma montanha de lava em forma de pirâmide truncada que parece ter sido moldada artificialmente. Foi o epicentro dos terremotos de Matsushiro, que se estenderam de 1965 a 1971.

Palco de eventos misteriosos, Minakami (que significa literalmente “Todos os Deuses”) é tida como a maior pirâmide do mundo construída nos tempos antigos.

Nas suas encostas foi construído o Santuário de Iwato, dedicado a Amaterasu, e no topo o Santuário Minakami. Satoyama, perto da área povoada da área de Matsushiro, incluindo o Monte Minakami, bem como o Monte Zozan e o Monte Maizuruyama em Matsushiro também são famosos pelo abrigo subterrâneo que se estende por 10 km construído no final da Segunda Guerra Mundial.

O MONTE KURAI

Os Documentos Takenouchi reivindicam o Monte Kurai, com 1.511 metros, na província de Gifu, como o local onde os ancestrais extraterrestres pousaram. “Kurai” significa classificação, e esta montanha-pirâmide é classificada como a número um. A árvore Ichi-i (novamente, número um) cresce aqui. Desta madeira é feita a maça do imperador.

Kuraiyama foi profanada rudemente ao ser parcialmente desmatada para acomodar um resort de esqui. Os seus vários megálitos, no entanto, não foram destruídos. Os megálitos foram trazidos para a montanha pelos líderes do povo de Hida (o lugar onde a civilização começou, levando à nação moderna do Japão, conforme alguns acreditam). Gerações de tais líderes foram enterradas em torno desses pe-

dregulhos. Isso explica por que Kuraiyama é uma montanha tão sagrada. Seu santuário é o Minashi Jinja.

Circulam muitas histórias sobre aparições de luzes misteriosas e seres estranhos no local.

AS PIRÂMIDES DO MONTE HERAI

Em 1935, Kiyomaro Takeuchi, o caçula de uma estirpe de sacerdotes xintoístas, descobriu em sua biblioteca familiar na província de Ibaraki, ao norte de Tóquio, um conjunto de documentos de 1.900 anos, escrito em japonês arcaico, contendo indicações de que Jesus Cristo estaria enterrado na vila de Herai (renomeada Shingo-Mura em 1955), no distrito de San-nohe, centro-sul da província de Aomori. O nome Herai, aliás, seria derivado da palavra Hebrai, que significa hebraico em japonês.

No ano seguinte, Takeuchivaijou para Herai em companhia do artista e pesquisador de história antiga japonesa Banzan Toya e de uma equipe de arqueólogos. Guiados por Denjiro Sasaki, o líder do vilarejo à época, em 26 de maio de 1936 localizaram dois montículos em um bosque de bambu. O da direita, “Juuraizuka”, foi considerado o túmulo de Cristo, e o da esquerda, “Judaibo”, o de seu irmão Isukiri.

Banzan Toya disse ainda ter localizado uma das sete pirâmides mencionadas nos apócrifos Takenouchi Monjo, as quais seriam ainda mais antigas do que as egípcias. Essas pirâmides não foram, porém, construídas a partir de uma base plana como as pirâmides do Egito ou México, mas estavam no topo de montanhas em forma de triângulos, com pedras esburacadas dispostas ao redor da Pedra do Sol.

Um dia após a descoberta do túmulo de Cristo, a pirâmide de

Towari foi descoberta. A pirâmide de Oishigami é associada com a de Towari e servia de local de adoração ao sol desde os tempos antigos.

Katsutoki Sakui, por sua vez, descobriu a “Pedra Espelhada”, uma rocha maciça com uma circunferência de base de 12 metros, a “Pedra Azimutal”, que indica precisamente a direção leste-oeste, e o megálito que fica de frente para a Estrela do Norte e indica com precisão a direção norte. A “Pedra do Espelho” possuía inscrições e se mantinha em posição ereta, mas caiu durante o terremoto de 23 de julho de 1857 e permaneceu embutida no chão.

De acordo com os Documentos Takenouchi, todas as pirâmides ao redor do mundo têm sua origem no Japão. Dezenas de milhares de anos no passado, havia sete pirâmides principais no mundo, das quais a pirâmide de Shingo seria uma delas.

De tão explosivos e controversos, o governo japonês ordenou que os documentos Takenouchi Monjo fossem trancados em um museu em Tóquio e mantidos longe da vista do público. Durante a Segunda Guerra Mundial, Tóquio foi severamente bombardeada e o museu com todos os documentos foi supostamente destruído. Felizmente, a família Takeuchi havia feito cópias dos documentos antes de entregá-los ao governo. São essas cópias preservadas que podem ser vistas no Santuário Koso Kotai Jingu Amatsukyo, em Isohara, que agora faz parte da cidade de Kitabaraki, na província de Ibaraki. Uma tradução em inglês de três volumes desses documentos está em uma vitrine do Museu da Lenda de Cristo, convenientemente localizada ao lado das sepulturas, e pode ser lida pelos visitantes.

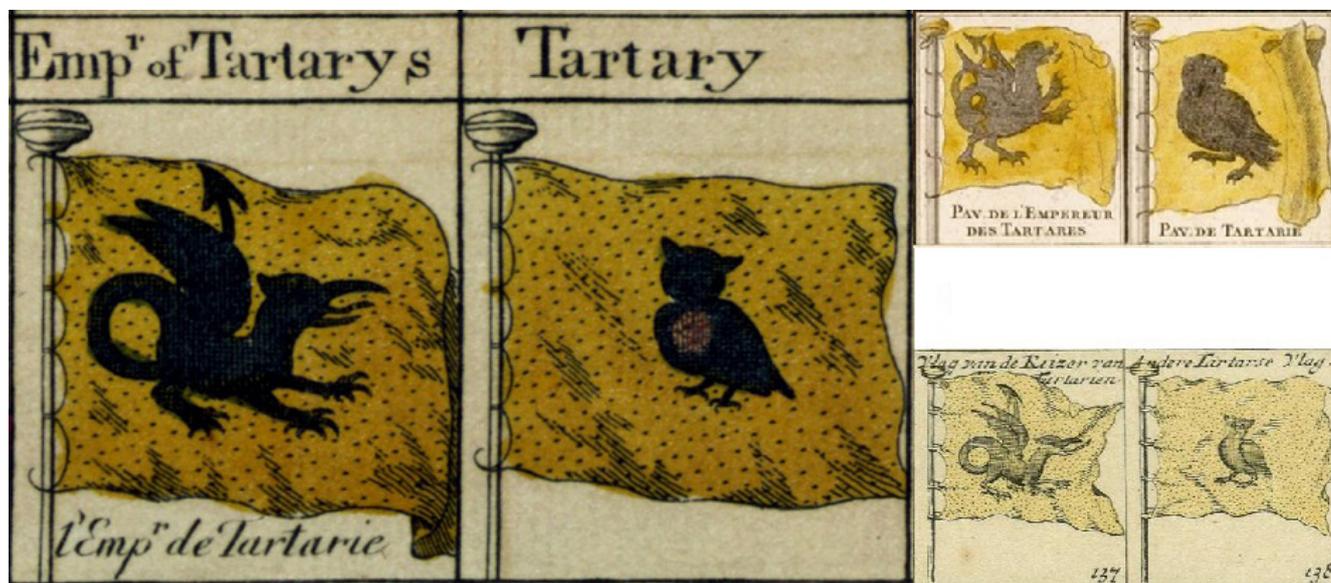
POR ANDRÉ DE PIERRE

O IMPÉRIO DA TARTÁRIA: A HISTÓRIA FOI APAGADA PELA ELITE MUNDIAL?

A história suprimida de uma imensa área que equivale a 8% de todas as terras do mundo, seria a maior evidência de manipulação das narrativas sobre o passado, de acordo com proponentes da teoria da Tartária. Essa imensa civilização extinta seria um império global com tecnologia avançada. Mesmo sendo amplamente rejeitada pela história oficial, analisei a teoria de forma séria e profunda, pois, como diz o ditado, “onde há fumaça, há fogo”.



Mapa de 1684 mostra a imensidão da Tartária.



Bandeiras relacionadas ao Império da Tartária.

“Tartária, um vasto país no norte da Ásia, limitado pela Sibéria ao norte e ao oeste: é chamado de Grande Tartária. Os tártaros que ficam ao sul da Moscúvia e da Sibéria são os de Astracan, Circássia e Dagistão, situados ao norte - a oeste do mar Cáspio; os tártaros de Calmuc, que ficam entre a Sibéria e o mar Cáspio; os tártaros e mongóis de Usbec, que ficam ao norte da Pérsia e da Índia; e, por último, os do Tibete, que ficam a noroeste da China.” - Enciclopédia Britânica, Vol. III, Edimburgo, 1771, p. 887.

Em um mundo onde a informação é abundante e as teorias florescem, uma narrativa peculiar tem capturado a imaginação de comunidades online: o Império Mundial da Tartária. A teoria, embora amplamente desconsiderada por acadêmicos e historiadores, propõe a existência de uma civilização avançada e global, cuja história teria sido meticulosamente apagada dos registros históricos.

Este império, supostamente vasto e tecnologicamente avançado, teria se estendido por grandes porções da Europa, Ásia e até mesmo da América do Norte. Os proponentes desta teoria argu-

mentam que a Tartária não era apenas uma potência, mas uma civilização que poderia ter moldado o mundo de maneiras que a história oficial não reconhece.

A teoria da Tartária é alimentada por uma mistura de interpretações alternativas da história, análise de mapas antigos, e uma desconfiança profunda das narrativas históricas estabelecidas. Os adeptos desta teoria frequentemente apontam para mapas antigos onde a Tartária é representada como uma região vasta, às vezes até mesmo um império, como evidência de uma conspiração para apagar esta civilização da história.

Eles argumentam que estruturas arquitetônicas semelhantes em diferentes partes do mundo são remanescentes de um império global, e que tecnologias como a energia livre foram suprimidas juntamente com a verdade sobre a Tartária.

A teoria, em sua essência, sugere que a história como a conhecemos é uma fabricação, construída para ocultar a verdade de civilizações passadas que eram muito mais avançadas do que atualmente acreditamos.

A HISTÓRIA OFICIAL

A vastidão da Sibéria e a misteriosa Tartária, territórios que se estendem por milhares de quilômetros através da Ásia, têm sido palco de inúmeras histórias, mitos e realidades que se entrelaçam ao longo dos séculos. A história oficial nos conta uma narrativa que, por vezes, se perde nas névoas do tempo, onde a realidade e a ficção podem, ocasionalmente, parecer indistinguíveis.

A Sibéria, conhecida por seus invernos rigorosos e paisagens estonteantes, foi lar de diversas tribos nômades e grupos étnicos antes de ser gradualmente incorporada ao crescente império russo. A expansão russa para o leste, que começou no final do século XVI sob o reinado de Ivan, o Terível, foi um processo complexo e multifacetado. Os Cossacos, exploradores e guerreiros, desempenharam um papel crucial na exploração e na anexação de novos territórios, enfrentando, muitas vezes, a resistência feroz das populações indígenas. Com suas riquezas naturais, a Sibéria logo se tornou vital para o império, tanto em termos de recursos quanto como um lugar para o exí-

lio de dissidentes e criminosos. Cidades como Tobolsk e, posteriormente, Irkutsk, tornaram-se centros administrativos, ajudando a solidificar o controle russo sobre essas vastas terras.

A vastidão da Sibéria e diversidade geográfica, era e ainda é lar de uma ampla variedade de grupos étnicos e culturais. Durante a expansão russa na Sibéria, vários povos foram encontrados, negociados, conquistados ou deslocados. Alguns dos povos e nações indígenas que habitavam a Sibéria e foram impactados pela expansão russa incluem:

Tártaros Siberianos: Habitantes do Canato de Sibir, que foi um dos primeiros territórios na Sibéria a ser conquistado pelos russos sob a liderança de Yermak Timofeyevich.

Evenks: Um grupo que habita áreas extensas da Sibéria central e oriental, tradicionalmente envolvidos na criação de renas, caça e pesca.

Yakuts: Um grupo turco que habita principalmente a República de Sakha, na Rússia, e que

tradicionalmente se envolve na criação de cavalos e gado.

Buryats: Um grupo mongol que habita a região do Lago Baikal, que se envolveu em conflitos com os cossacos russos durante a expansão para o leste.

Chukchis: Um povo indígena que habita o extremo leste da Sibéria, conhecido por sua resistência à conquista russa durante o período de expansão.

Khanty e Mansi: Povos que habitam a região oeste da Sibéria, nas áreas ao redor dos rios Ob e Irtysh.

Nenets: Um povo nômade de criadores de renas que habitam a região do Ártico na Rússia europeia e na Sibéria ocidental.

Koryaks: Um grupo indígena que habita a península de Kamchatka, no extremo leste da Sibéria.

Shamans e Tungusic: Grupos que habitam a Sibéria oriental e que foram impactados pela expansão russa e pela introdução do cristianismo ortodoxo.

Selkups: Habitantes das regiões centrais da Sibéria, nas bacias dos rios Ob e Yenisei.

Ainu: Embora mais associados ao Japão, os Ainu também habitavam as Ilhas Curilas e partes da península de Kamchatka.

Gilyaks (Nivkhs): Um grupo que habita a região do Rio Amur e a ilha de Sakhalin.

Estes são apenas alguns exemplos dos muitos grupos étnicos e culturais que habitavam a Sibéria durante a expansão russa na região. Cada um desses grupos tinha suas próprias tradições, línguas e modos de vida, e a chegada dos russos muitas vezes trouxe consigo mudanças significativas e, em muitos casos, conflitos e deslocamentos. A interação entre os colonizadores russos e os povos indígenas da Sibéria é um campo complexo e multifacetado de estudo histórico.

A Tartária, por outro lado, é uma região envolta em mistério e especulação. Nos mapas antigos, a Tartária, ou "Tartary" em inglês, aparece como um território vasto, estendendo-se por grande



As bandeiras das nações publicadas em 1865. Essa prova colocaria em cheque o argumento de que a Tartária era apenas uma região geográfica.

parte da Ásia. A história oficial nos diz que a Tartária nunca foi um país ou império unificado, mas sim uma designação geográfica usada pelos europeus para descrever uma área habitada por diversas tribos e confederações turco-mongóis.

Segundo a história oficial, os tártaros, originalmente habitantes das estepes do nordeste da Mongólia e da Manchúria, foram subjugados e assimilados ao Império Mongol sob o comando de Genghis Khan no século XIII. A habilidade militar dos tártaros foi crucial para as conquistas mongóis, que se estenderam da Ásia à Europa, criando um dos maiores impérios que o mundo já viu.

Após a morte de Genghis Khan, o vasto império mongol foi dividido entre seus descendentes. A Horda Dourada, governada por seus netos, tornou-se um poderoso canato que dominou partes da Rússia, Ásia Central e Europa Oriental. Com o tempo, a Horda Dourada fragmentou-se, dando origem a vários canatos tártaros, como Kazan, Astracã e Crimeia, cada um com sua própria trajetória histórica e cultural.

A relação entre os tártaros e a Rússia é uma tapeçaria de conflitos, subjugação e assimilação. Durante o período do jugo tártaro-mongol, os principados russos foram submetidos ao domínio da Horda Dourada. No entanto, no século XVI, o Grão-Ducado de Moscou começou a anexar territórios tártaros, como o Canato de Kazan em 1552, marcando uma inversão do poder dinâmico.

Os tártaros da Crimeia, por outro lado, estabeleceram um canato duradouro que se tornou um jogador significativo na política eurasiática. No entanto, a anexação da Crimeia pelo Império Russo em 1783 trouxe uma série de desafios e repressões



O povo da Tartária.

para os tártaros da Crimeia, que continuaram sob o regime soviético e persistem até hoje. Agora dispersos em várias nações, enfrentam desafios contemporâneos, incluindo questões de direitos humanos, preservação cultural e identidade nacional. Na Rússia, Ucrânia e outros estados pós-soviéticos, os tártaros buscam preservar sua língua e cultura, enquanto navegam pelas complexidades da vida moderna e das relações internacionais.

A ORIGEM DOS QUESTIONAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA REGIÃO

Para iniciar as análises das questões envolvendo o suposto

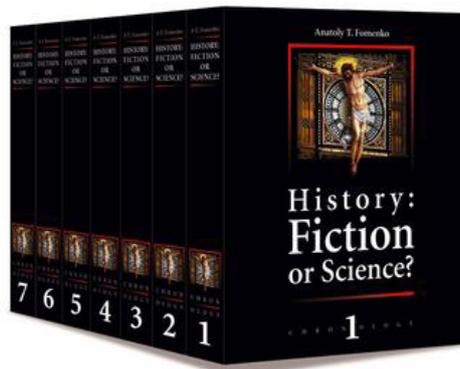
Império da Tartária, precisamos localizar a origem do cisma que levou muitas pessoas a questionarem a história da região e humanidade.

O início de todo processo foi a obra controversa e genial do respeitado matemático russo Anatoly Timofeevich Fomenko, autor de uma série de sete livros que foi apelidado de “Nova Cronologia”, nome original “History: Fiction or Science?”.

Nascido em 13 de março de 1945, em Stalino, agora Donetsk, Ucrânia, Fomenko é um matemático e historiador russo que se tornou uma figura polêmica no campo da historiografia. Ele



O matemático russo Anatoly Fomenko e sua polêmica e extensa obra “History: Fiction or science?”.



é mais conhecido por sua teoria que propõe uma revisão radical da cronologia histórica tradicional, sendo professor da Universidade Estatal de Moscou e membro da Academia Russa de Ciências. Sua incursão no campo da história, no entanto, tem sido objeto de intenso escrutínio e crítica.

As ideias de Fomenko são chocantes e sedutoras ao mesmo tempo. Sua teoria se fundamenta em diversos métodos estatísticos, que atraíram uma quantidade considerável de adeptos para suas ideias. Ele emprega uma forma de paralelismo histórico, identificando padrões na narrativa histórica e alinhando esses padrões na busca por uma visão mais acurada da cronologia histórica. Além disso, Fomenko investiga a narrativa histórica para verificar se há correlações com eventos astronômicos, como eclipses solares e lunares.

A cronologia histórica proposta por Fomenko em sua obra é significativamente mais condensada do que a cronologia estabe-

lecida na história convencional atual. Isso se dá porque, segundo a teoria, a Idade Média pode ser “comprimada” ou “dobrada” sobre si mesma, aproximando as eras antigas e modernas. Conforme essa perspectiva, a história documentada da humanidade remonta apenas até aproximadamente o ano 800 d.C., e a maioria dos eventos históricos transcorreu entre os anos 1000 e 1500 d.C.

Ele declarou que diversos eventos históricos não se alinham matematicamente com as datas que supostamente ocorreram. Sustenta que todas as narrativas antigas da Grécia, Roma e Egito são meramente reflexos de eventos que, de fato, se desenrolaram na Idade Média, enquanto também alega que as histórias chinesa e árabe são fabricações dos jesuítas dos séculos XVII e XVIII. Também postula que a Guerra de Troia e as Cruzadas foram eventos idênticos e que Gengis Khan e os mongóis eram, na realidade, algo denominado “horda russa”. Depois vai além, sugerindo que as regiões central

e oeste dos Estados Unidos eram, na verdade, partes de um “Império Siberiano-Americano” antes de sua desintegração em 1775.

No cerne da teoria apresentada na “Nova Cronologia” encontra-se a história oculta do Império Tartário. A teoria sugere que a história foi amplamente moldada após o século XVII para atender a uma agenda, impulsionada por conspiradores agindo em nome do Vaticano, do Sacro Império Romano e da Casa Russa dos Romanov. Todos estes, supostamente, trabalhavam em conjunto para ocultar a história de um outrora global Império Tartário. Dentro deste massivo Império Tartário, havia citas, hunos, búlgaros, polacos, dulebs, drevlianos, pechenegues, cossacos, ucranianos e bielorrussos que faziam parte deste império mais antigo.

Fomenko defende que a figura de Jesus provavelmente foi derivada de diversas personalidades históricas antecedentes. Ele cita, por exemplo, Andronikos I Komnenos, um imperador bizantino que foi assassinado. Fomenko prossegue, sugerindo que a narrativa sobre Jesus pode ter sido moldada a partir das histórias bíblicas de Eliseu, e também reflete aspectos do Papa Gregório VII e São Basílio de Cesareia, além de incorporar elementos relacionados a Li Yaunhao, um imperador da China. Ele admite a possibilidade da existência de um Jesus real, mas argumenta que características foram adicionadas à sua vida com base em diversas outras fontes. Ainda segundo Fomenko, o verdadeiro Jesus teria nascido em 25 de dezembro de 1152 d.C. no Cabo Fiolent, na Crimeia, e foi crucificado em 20 de março de 1185 d.C., na Colina de Josué, com uma visão panorâmica do Bósforo.

Essas são algumas revisões históricas feitas por ele que têm

sido tema de debate em fóruns do mundo todo, que originou a história do Império da Tartária como conhecemos agora, apresentadas no Brasil principalmente em canais do YouTube.

A CONFUSÃO: IMPÉRIO MONGOL OU IMPÉRIO TÁRTARO?

Muitas escolas, livros de história e até enciclopédias ainda nomeiam o grande império de Genghis Khan como Império Tártaro, o que pode causar uma grande confusão na mente das pessoas, já que, como vimos anteriormente, os tártaros não são mongóis (Genghis Khan tem sido representado no presente como um mongol), mas sim turcomanos.

Os turcomanos são grupos étnicos que falam línguas do ramo turcomano da família de línguas altaicas e compartilham, até certo ponto, uma cultura e história comuns. Eles são nativos de uma região que vai da Ásia Ocidental (principalmente a Turquia moderna) através da Ásia Central até a Sibéria na Rússia. Alguns dos grupos étnicos turcomanos mais conhecidos incluem os turcos, cazaques, uzbeques, turcomenos, tártaros e quirguizes.

Geralmente, os turcomanos têm uma pele que varia de um tom claro a um tom mais bronzeado ou oliváceo. O cabelo é tipicamente escuro, variando do castanho ao preto, e geralmente é liso ou levemente ondulado. Os olhos são frequentemente de cor escura, como castanho ou preto. Podem ter traços faciais que são comumente associados aos povos da Ásia Central, como maçãs do rosto proeminentes e olhos ligeiramente amendoados. Já os mongóis possuem a inconfundível pálpebras com uma dobra epicântica ou os “olhos puxados” como dito na cultura popular. Conforme a explicação oficial, essa confusão aconteceu porque

os primeiros contatos da Europa com os povos nômades da Ásia Central, sobretudo durante as invasões mongóis no século XIII, frequentemente envolviam os tártaros, um dos grupos étnicos sob o domínio mongol. Os exércitos de Genghis Khan, conhecidos por sua diversidade étnica e inclusão de guerreiros de várias tribos, incluíam um número significativo de tártaros, o que pode ter sido um dos catalisadores para a subsequente confusão linguística e histórica.

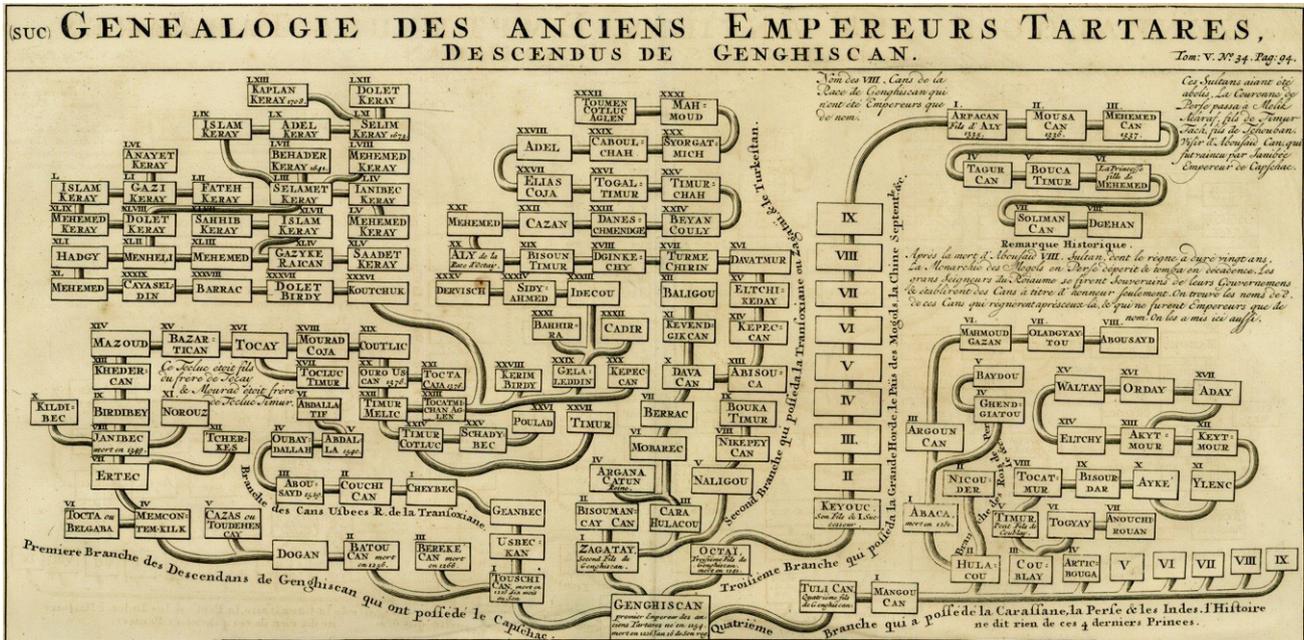
A literatura medieval e renascentista europeia, permeada por relatos de um “Terror Tártaro” e do “Jugo Tártaro”, frequentemente se referia aos invasores mongóis simplesmente como “Tártaros”. Este uso, embora impreciso, tornou-se profundamente enraizado na linguagem e na percepção histórica, sendo perpetuado em traduções e disseminado através de fronteiras e gerações. A transmissão cultural

e linguística desse entrelaçamento identitário foi ainda mais solidificada por relatos de viajantes, como Marco Polo, cujas narrativas, muitas vezes, utilizavam os termos “mongóis” e “tártaros” de forma intercambiável. À medida que esses relatos eram traduzidos e disseminados, a distinção entre os dois grupos tornava-se cada vez mais turva, perpetuando uma confusão que persistiria nos registros históricos.

A historiografia moderna, tenta distinguir claramente os mongóis - o império construído sob a liderança de Genghis Khan e seus sucessores - dos tártaros, uma das várias etnias subjugadas e incorporadas ao império mongol. No entanto, o uso popular e literário dos termos, muitas vezes, ainda reflete séculos de confusão e confluência. No Brasil, assim como em muitos outros países, essa mistura histórica e linguística é evidente na utilização, muitas vezes sinônima, de “mongóis”



Genghis Khan e sua esposa com aparência muito diferente da convecionada nos dias atuais. Assim como na imagem acima, não vemos em muitas ilustrações o esteriótipo mongol.



Genealogia de reis da Tartária a partir de Genghis Khan.

e “tártaros”. Este fenômeno seria um eco de séculos de literatura e registros históricos que, intencionalmente ou não, fundiram essas duas identidades em uma.

Contudo, essa é a explicação oficial. Será que ela sobrevive ante as evidências? Não temos uma máquina do tempo para saber se as alegações do “establishment” são verdadeiras. Contudo, os teóricos do Império da Tartária de fato apresentam indícios espantosos demonstrando que as representações antigas de Genghis Khan, Batu Khan, Timur, por exemplo, eram completamente diferentes das ilustrações modernas, estereotipadas na versão mongol. Imagens de livros, dos século XV ao XVIII, apresentadas pelos teóricos, apontam Genghis com roupas típicas da Ásia Central, branco, cabelos pretos, nariz adunco, com um aspecto turco, ou caucasiano. Sua esposa, Hyu-Chen, é demonstrada muito branca, loira, com aparência caucasiana.

AS PRINCIPAIS ALEGAÇÕES DOS TEÓRICOS SOBRE O IMPÉRIO DA TARTÁRIA

A teoria da Tartária sugere que o Império Mongol, conhecido por sua expansão e conquistas sob a liderança de Genghis Khan, era na verdade uma manifestação ou parte do Império Tartário. A ideia é que a história do Império Mongol foi distorcida ou reescrita para ocultar a verdadeira extensão e natureza da Tartária.

Para os proponentes, não era apenas uma região na Ásia Central, mas um império global, ostentando tecnologia avançada, apagado da história oficial por elites governantes. Alega-se que este império teria sido fundado há milênios e perdurado até por volta do século 19. Os defensores apontam para mapas antigos, onde territórios extensos na Ásia são denominados “Tartária”, como evidência de sua existência. Também demonstram através de antigas ilustrações que a Tartária tinha sua própria língua, bandeira, brasão, próprio imperador e povo.

Os teóricos sugerem que este imenso país possuía tecnologia de energia livre, apontando para edifícios históricos com pináculos e outros elementos arquitetônicos

(um topo metálico, por exemplo), como supostos dispositivos de coleta de “energia etérea”. Ou seja, era uma civilização próspera e avançada, em parte devido ao seu acesso a uma forma superior e gratuita de energia. A ideia é que a tecnologia de energia livre foi suprimida pelas elites governantes após a queda da Tartária para manter o controle sobre a população, forçando a dependência de recursos energéticos finitos.

A existência de gigantes é um pilar fundamental desta teoria. Alega-se que esses seres, dotados de estatura e força sobre-humanas, viviam na Tartária. Alguns teóricos apontam para grandes estruturas arquitetônicas e estátuas ao redor do mundo como evidência de uma raça de gigantes, argumentando que apenas seres de tamanho colossal poderiam criar tais maravilhas. De forma minoritária, percebe-se também alegações dos teóricos sobre a presença de seres supostamente mitológicos, lendários e sobrenaturais na região, como se a Tartária fosse um mundo a parte ou a representação fidedigna de uma Era muito antiga, até

poderia ser o resquício de outra humanidade esquecida.

Outra questão importante é que América do Norte fazia parte deste império global da Tartária. Alguns teóricos apontam para semelhanças arquitetônicas, como edifícios com cúpulas e torres, em diferentes partes do mundo como evidência de uma civilização global unificada. A ideia é que a arquitetura em regiões do EUA, Canadá e Alasca pode ter raízes na suposta tecnologia e estética da Tartária.

No entanto, a Rússia é quem desempenha um papel crucial na história deste imenso país. Anatoly Fomenko, é figura central neste cenário, com sua “Nova Cronologia” propondo que muitos eventos históricos foram artificialmente retrocedidos no tempo. Fomenko sugere que a história da Rússia foi particularmente distorcida. A cultura, a tec-

nologia e os feitos da Tartária foram absorvidos ou reatribuídos à história russa e de outros impérios. Alguns teóricos apontam para semelhanças na arquitetura e outros artefatos culturais como prova de que a Rússia e a Tartária estavam intrinsecamente ligadas.

Abaixo o resumo das alegações dos teóricos sobre a Rússia:

1. Alegam que a ocupação mongol da Rússia, conhecida como o “Jugo Tártaro”, foi uma era de cooperação pacífica ou até mesmo uma união política, em vez de uma subjugação.
2. Sugerem que a expansão russa para a Sibéria não foi uma conquista, mas uma transição ou fusão de territórios da Tartária.
3. Alegam que a história dos czares russos foi embelezada ou alterada para ocultar suas possíveis origens ou alianças tártaras.

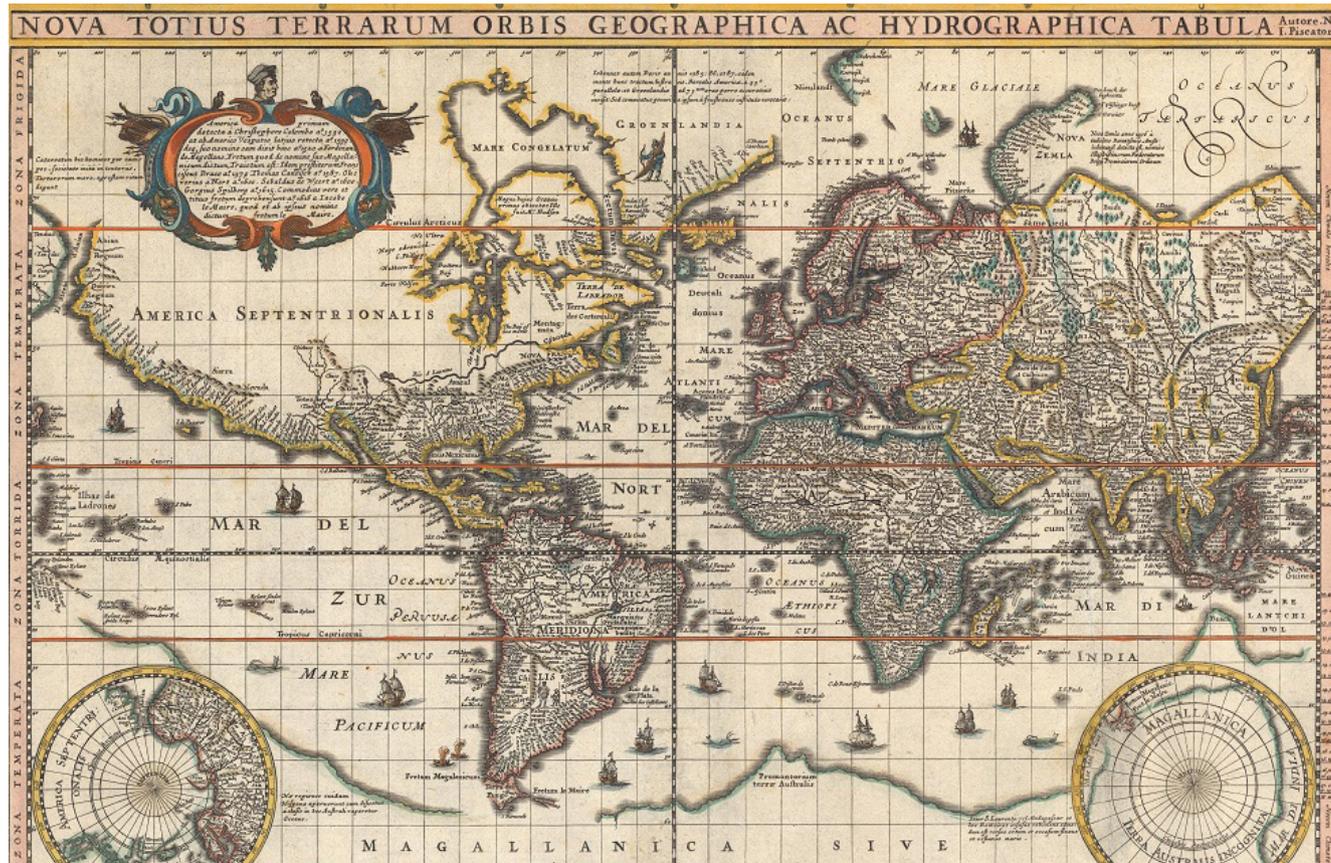
4. Sugerem que a formação do estado russo e a origem dos eslavos foram retratadas de maneira a minimizar a influência tártara ou asiática.

5. Alegam que a história da Igreja Ortodoxa Russa foi reescrita para enfatizar uma identidade cristã europeia, em detrimento de influências tártaras ou asiáticas.

6. Sugerem que a Revolução Russa pode ter sido influenciada ou alterada para apagar os últimos vestígios da influência tártara na Rússia.

7. Alegam que a história antiga da Rússia foi construída para criar uma narrativa que apoiasse a governança e a identidade russa, em vez de uma Tartária unificada.

8. Sugerem que as relações internacionais e as guerras envolvendo a Rússia foram retrata-



Este curioso mapa de 1652 sugere que a América do Norte estava sob influência da Tartária naquela época.



Estranhas medalhas comemorativas foram cunhadas na Rússia em 1912. Alexandre I e Napoleão Bonaparte aparecem na mesma moeda que tem a seguinte mensagem impressa: "A força está na unidade: vontade de Deus, firmeza da realeza, amor à pátria e ao povo"

das de uma maneira que ocultasse a influência ou existência da Tartária.

9. Alegam que os desenvolvimentos tecnológicos e culturais da Rússia foram, na verdade, heranças da Tartária, que foram reatribuídas à inovação russa.

10. Sugerem que a arquitetura e infraestrutura russas, especialmente aquelas que exibem avanço tecnológico, são remanescentes da Tartária, mas atribuídas à engenhosidade russa.

11. Sugerem que a guerra do século XIX entre Rússia e França foi na verdade uma aliança entre os dois países representados por Alexandre I e Napoleão Bonaparte, para atacar a Tartária. Essencialmente França e São Petersburgo contra Moscovo (Tartária).

Os regimes totalitaristas de Hitler e Stalin também são citados pelos teóricos como parte de uma conspiração de supressão da Tartária. Eles sugerem que Hitler poderia ter tido conhecimento ou até mesmo uma conexão com a Tartária e sua suposta

tecnologia avançada. Os nazistas estavam em busca de artefatos e conhecimentos antigos, que poderiam incluir tecnologias ou informações da Tartária. De acordo com os proponentes, talvez os nazistas tenham utilizado algumas dessas tecnologias. Stalin é frequentemente acusado de reescrever a história para solidificar seu poder e o do Partido Comunista. Teóricos sugerem que ele pode ter suprimido a história da Tartária para fortalecer a narrativa soviética. Alega-se que Stalin pode ter ordenado a destruição de edifícios e estruturas que poderiam indicar a existência de uma civilização tartária avançada.

Por fim, a destruição causada pela Segunda Guerra Mundial é, por vezes, apontada como um meio de apagar fisicamente quaisquer remanescentes ou evidências da existência da Tartária da história da humanidade.

Como não há uma teoria unificada, e a maior parte das especulações é feita por anônimos em fóruns da internet, fica difícil adquirir ou resumir todas as alega-

ções. Contudo, tenho quase certeza que temos o essencial neste capítulo.

Encontrei muitas informações curiosas, baseadas em crônicas antigas, que mostram reis e pessoas da Tartária interagindo com as civilizações da época. A maior parte do conteúdo são ilustrações antigas, mapas e recortes de textos sem análises muito profundas. Isso torna humanamente impossível compilar tudo em um único artigo.

No Youtube, principalmente em língua inglesa, muitos vídeos foram publicados mostrando a arquitetura da Tartária dentre outras curiosidades. Encontrei esse canal que pode ser interessante para o leitor: https://www.youtube.com/@Restitutor_Orbis_214

A DECADÊNCIA DA TARTÁRIA

Como um império tecnologicamente avançado e rico veio a ser destruído? Os teóricos da Tartária propõem várias ideias sobre como essa suposta civilização, com sua alta tecnologia e

energia livre, foi destruída ou desapareceu.

Podemos captar entre os proponentes uma série de ideias que pude catalogar:

1. Houve uma conspiração global para destruir a Tartária e apagar sua existência da história.

2. A Tartária foi destruída através de guerras e conflitos, possivelmente orquestrados por potências globais que viam a civilização como uma ameaça.

3. A Tartária pode ter sido vítima de desastres naturais, que foram depois convenientemente omitidos ou minimizados nas narrativas históricas.

4. A Tartária foi assimilada

por outras culturas ou nações, que então apagaram sua história e conquistas.

5. A Tartária pode ter experimentado um colapso interno devido a fatores como instabilidade política, social ou econômica.

Em resumo, a queda da Tartária teria sido uma mistura de eventos internos e externos, e como toda civilização, entrou em decadência e encontrou a sua morte de forma trágica, sendo suprimida da memória da humanidade pela elite atual. Este imenso império apagado seria a maior evidência da manipulação da história pela elite mundial.

A TEORIA FAZ SENTIDO

Início este capítulo sem qualquer pretensão de ser o dono da verdade, já que não possui a bagagem de anos de pesquisa de um teórico do Império da Tartária ou de um especialista na história comumente ensinada sobre a região. Daqui para frente, se o Império da Tartária existiu ou não, cabe ao leitor decidir.

Quem acompanha meu trabalho sabe que sou um opositor da história oficial. Muitos dos argumentos utilizados pelos teóricos, como a supressão da história por uma elite e que a história foi deliberadamente modificada por motivos escusos pelos poderosos, não me espantam de forma alguma.

Or let us take the matter of history, which, along with religion, language and literature, constitute the core of a people's cultural heritage. Here again the Communists have interfered in a shameless manner. For example, on 9 August 1944, the Central Committee of the Communist Party, sitting in Moscow, issued a directive ordering the party's Tartar Provincial Committee "to proceed to a scientific revision of the history of Tartaria, to liquidate serious shortcomings and mistakes of a nationalistic character committed by individual writers and historians in dealing with Tartar history." 12/ In other words, Tartar history was to be rewritten--let us be frank, was to be falsified--in order to eliminate references to Great Russian aggressions and to hide the facts of the real course of Tartar-Russian relations. And this was no isolated case. In every Muslim area within the USSR, historians, on orders of the Communist Party, have rewritten history to distort the facts so that the Russians appear always in a good light. Needless to say, histories which present the facts truthfully have been withdrawn and destroyed, so that the present and future generations of Muslims are forever denied the chance of learning the true facts of their nations' past.

Um trecho do documento da CIA desclassificado em 1998 e criado em 1957. Tradução: "Ou vamos considerar a questão da história, que, junto com a religião, língua e literatura, constitui o núcleo do patrimônio cultural de um povo. Aqui novamente os comunistas interferiram de maneira descarada. Por exemplo, em 9 de agosto de 1944, o Comitê Central do Partido Comunista, reunido em Moscou, emitiu uma diretiva ordenando ao Comitê Provincial Tártaro do partido "proceder a uma revisão científica da história da Tartária, para liquidar graves deficiências e erros de caráter nacionalista cometidos por escritores e historiadores individuais ao lidar com a história tártara." 12/ Em outras palavras, a história tártara deveria ser reescrita - sejamos francos, deveria ser falsificada - a fim de eliminar referências às agressões da Grande Rússia e esconder os fatos do real curso das relações tártaro-russas. E este não foi um caso isolado. Em todas as áreas muçulmanas dentro da URSS, historiadores, por ordens do Partido Comunista, reescreveram a história para distorcer os fatos de modo que os russos apareçam sempre sob uma luz positiva. Escusado será dizer que as histórias que apresentam os fatos de maneira verdadeira foram retiradas e destruídas, para que as presentes e futuras gerações de muçulmanos sejam para sempre negadas a chance de aprender os verdadeiros fatos do passado de suas nações".



A arquitetura da Tartária, segundo os teóricos, presente em todo mundo, é um dos pontos mais importantes da teoria.

Por outro lado, durante minha pesquisa, percebi que a narrativa dos fatos pelos teóricos pode ser, muitas vezes, confusa, difusa e com pouca profundidade, exceto o trabalho imenso de Fomenko com a “Nova Cronologia” que ele propõe. Entretanto, essa obra é sobre a humanidade em geral, não sobre a Tartária. Muito do que foi propagado depois da obra de Fomenko advém de fóruns, blogs e, posteriormente, migra para o YouTube. Estes textos são essencialmente curtos demais para se desenvolver uma teoria robusta, e os canais do YouTube se baseiam demasiadamente em imagens.

Essa suposta falha na teoria pode ser facilmente explicada. Ora, a história do Império da Tartária foi apagada pela elite e reescrita! Então, os proponentes não têm fontes disponíveis para explicar exatamente o que houve, assim como acontece com aqueles que tentam falar sobre

a humanidade antediluviana, os anunnaki e outros assuntos que foram apagados da história. Como existe um vácuo, uma amnésia coletiva sobre o assunto, abre-se um campo imenso de especulações exatamente por se ter ocultado a verdade.

Neste momento, gostaria de compartilhar com o leitor qual parte da teoria chamou mais a atenção dos meus olhos atentos e acostumados a esse tipo de empreendimento.

A Sibéria é uma região extremamente vasta da Rússia, abrangendo uma área impressionante de aproximadamente 13,1 milhões de quilômetros quadrados. Isso representa cerca de 77% do território total da Rússia, tornando-a uma das maiores regiões geográficas do mundo.

Para colocar isso em uma perspectiva global, a superfície total da Terra é de cerca de 510 milhões de quilômetros quadra-

dos. Portanto, a Sibéria ocupa aproximadamente 2,6% da superfície total do planeta. Se considerarmos apenas a superfície terrestre do globo, que é de cerca de 149 milhões de quilômetros quadrados, a Sibéria compreende cerca de 8,8% dessa área.

Também é notoriamente rica em recursos minerais e naturais. Essa abundância tem sido um fator crucial para o desenvolvimento econômico da Rússia. Por lá existem metais preciosos em abundância, como ouro e diamante. Muitos minérios, como níquel, cobre e estanho, e inúmeros elementos raros. É uma fonte significativa de madeira e água doce. A região possui áreas de solo bastante fértil, especialmente nas partes sul e ocidental, a Terra Negra ou “chernozem”, conhecido por sua alta fertilidade, sendo um dos solos mais ricos em nutrientes do mundo, e a Estepe, utilizada para pequena

agricultura e criação de animais.

A pergunta, após ler esses dados, é: por que nenhuma grande civilização quis ser dona de 8,8% do mundo até o século XVI? Não estamos falando de terras isoladas ou divididas pelos oceanos, mas sim vizinhas ao maior império do mundo antigo, o Império Mongol ou Tártaro liderado por Gengis Khan, acostumado ao clima. Nas divisas da Sibéria ou Tartária, tivemos uma infinidade de civilizações que se desenvolveram desinteressadas em toda esta riqueza e poder? Olhando mais de perto, isso não faz nenhum sentido realmente.

Então, o que diz a história oficial sobre esse “rombo” em suas páginas? A questão de por que os mongóis não tentaram conquistar as vastas e ricas terras da Sibéria é intrigante e pode ser explorada considerando vários fatores, segundo eles. O clima extremamente rigoroso e as vastas florestas e tundras poderiam dificultar campanhas militares;

os mongóis buscavam invadir outras regiões com recompensas rápidas de tributos; as terras eram muito vastas para manter uma boa logística; não tinham população suficiente para manter uma área tão vasta; eles podem ter criado alianças com povos nativos.

Nenhuma dessas alegações fez sentido para mim, já que o Império Mongol se estendia por imensas áreas com os climas mais variados. Esse reino Tártaro ou Mongol era muito maior e mais poderoso que a Rússia do século XVI. Como os russos conquistaram a Sibéria então? O frio só era problema até esse século? Essa história não fecha. Os proponentes dizem que tanto a história da Rússia como do Império Mongol foram alteradas para ocultar a Tartária e as evidências mostram um constrangedor silêncio sobre a história desse local até os anos de 1500! Vejam, segundo a história oficial, sequer existiam cidades até essa época! Confesso que, antes de entrar nessa pesquisa,

não conhecia a história da região, que para mim sempre tinha sido habitada.

No meu entedimento, esse suposto império Mongol se estendia por toda a Sibéria e depois se transformou em Império da Tartária ou ninguém se interessou pela área porque lá existia desde sempre esse reino, simplesmente porque até poucos séculos atrás era impossível de ser conquistado devido à sua grandiosidade e tecnologia. E a possibilidade desse império se estender até a América do Norte é muito grande, já que a “medieval” Rússia do Czar, supostamente, conseguiu esse feito. Não seria uma surpresa que uma elite mal-intencionada, com interesses escusos, tivesse apagado a história de toda uma nação que esteve ali por milênios. Entretanto, isso não significa que acredito em todas as alegações dos proponentes, mas sim que, olhando mais de perto, vemos que “onde há fumaça, há fogo”.



Mapa da Tartária “Gerard Mercator, Jodocus & Henricus Hondius”, 1633.

POR JORGE LIMA

JUDEUS: OS VERDADEIROS COLONIZADORES DO BRASIL

Nesta edição, abordaremos a polêmica narrativa do descobrimento do Brasil e sua colonização. É amplamente conhecido que, em 1500, o que ocorreu não foi um “descobrimento”, mas sim uma conquista e posse. Cabral veio ao continente americano para assegurar o controle português sobre as terras que a Igreja Católica havia doado em 1493. Para um entendimento mais aprofundado dos fatos, vamos mergulhar em uma jornada pelo tempo e pelo conhecimento. As fontes pesquisadas provêm de vastas coleções e documentos encontrados em Portugal e no Vaticano, e estes documentos ainda necessitam de extensa análise e pesquisa.



Cristão-novo, converso ou convertido era a designação dada em Portugal aos judeus convertidos ao cristianismo e seus descendentes. “A expulsão dos judeus”, de Roque Gameiro, 1917.

É fundamental destacar que nossos artigos não são baseados em suposições, devaneios ou invenções de probabilidades históricas. Ao contrário, são fundamentados em fatos históricos com ampla comprovação documental e arqueológica. Obviamente, todo texto reflete as características de seu autor, mas é essencial evitar a introdução de opiniões pessoais para que o leitor não seja influenciado, permitindo que ele tire suas próprias conclusões.

O TRATADO INTER COETERA

O tratado Inter Coetera, assinado pelo Papa Alexandre VI, natural de Valência e amigo do rei castelhano, foi uma resposta, por meio de três bulas datadas de 3 e 4 de maio de 1493, aos pedidos dos reinos de Portugal e Espanha sobre a divisão das terras do novo continente. No entanto, este tratado mostrou-se amplamente favorável à Espanha. Na terceira destas bulas, a Inter Coetera, o Novo Mundo seria dividido entre Portugal e Espanha por um meridiano situado a 100 léguas a oeste das ilhas dos Açores e de Cabo Verde. O que estivesse a oeste pertenceria à Espanha, e o que estivesse a leste, a Portugal. Estes termos desagradaram a Coroa Portuguesa. Para resolver essa questão, foi negociado o Tratado de Tordesilhas (1494), que estabeleceu um novo meridiano a 370 léguas das referidas ilhas. É crucial observar os termos utilizados nesta Bula: a Igreja Católica “doou” estas terras, indicando que elas já pertenciam à Igreja.

Estes fatos vieram a público em 2001, com a abertura do Vaticano aos documentos até então considerados secretos pela Igreja. No entanto, em 2003, novos documentos, que logo foram novamente guardados, remontam às bulas papais dos anos de 1456, 1457 e 1479. A primeira, feita

pelo Papa Calixto III em 1456, deixa claro que as Américas já eram conhecidas muito antes do Tratado de Tordesilhas.

Segundo o cronista e administrador colonial português nas ilhas Molucas, António Galvão, em seu relato abrangendo todas as principais explorações realizadas até 1550 por portugueses e espanhóis, apresenta, com notável precisão, vários fatos relacionados ao descobrimento das Américas. Este documento foi publicado inicialmente em Lisboa em 1563 e traduzido para o inglês por Richard Hakluyt em 1601.

Estes documentos transcrevem um relato que menciona o prévio conhecimento do Estreito de Magalhães, então conhecido como “Cauda do Dragão”:

“No ano de 1428 diz que foi o Infante D. Pedro a Inglaterra, França, Alemanha, à Casa Santa, e a outras daquela banda, tornou por Itália, esteve em Roma, e Veneza, trouxe de lá um Mapamunde que tinha todo o âmbito da terra, e o Estreito de Magalhães se chamava “Cauda do Dragão”, o Cabo de Boa Esperança: “Fronteira de África”, e que deste padrão se ajudara o Infante D. Henrique em seu descobrimento. Francisco de Sousa Tavares me disse que no ano de 1528 o Infante D. Fernando lhe mostrara um Mapa que se achara no Cartório de Alcobaça que havia mais de cento e vinte anos que era feito, o qual tinha toda a navegação da Índia, com o Cabo de Boa Esperança, como as de agora, se assim é isto, já em tempo passado era tanto como agora, ou mais, descoberto”.

A narrativa não deixa dúvidas de que as Américas já haviam sido descobertas muito antes de Colombo. O Estreito de Magalhães, ou o Rabo do Dragão, foi oficialmente navegado na antiguidade por vários navegadores,

incluindo o espanhol Alonso de Camargo e os ingleses Francis Drake e Charles Darwin. Durante a corrida do ouro na Califórnia, em 1849, essa rota também foi utilizada por caçadores de ouro.

A TERRA DE OFIR

Segundo a tradição judaica, o livro de Jó é o primeiro a comparar o “ouro de Ofir” com “ouro puro”. (Jó 28:15, 16) Cerca de 600 anos após os dias de Jó, o Rei Davi acumulou “ouro de Ofir” para a construção do templo de Jeová em Jerusalém. Seu filho, Salomão, também importou “ouro de Ofir”. — 1 Crônicas 29:3, 4; 1 Reis 9:28.

Conforme as Escrituras, o rei Salomão mandou construir uma frota de navios em Eziom-Géber, no Mar Vermelho, para trazer ouro de Ofir. (1 Reis 9:26) Alguns estudiosos afirmam que as ruínas de Eziom-Géber estão localizadas no Golfo de Aqaba – na área onde hoje se encontram Elat ou Aqaba. Deste ponto, os navios poderiam alcançar qualquer parte do Mar Vermelho ou os postos mercantis mais distantes na costa da África, ou da Índia. No entanto, há diversas teorias sobre a localização exata de Ofir.

Quanto à questão de se as minas de ouro do rei Salomão são apenas lendas, o egiptólogo Kenneth A. Kitchen escreve: “Ofir, por si só, não é um mito. Existe um fragmento de cerâmica em hebraico, talvez do oitavo século a.C., que contém uma inscrição mencionando: ‘ouro de Ofir para Bete-Horom — 30 siclos’. Portanto, Ofir era uma fonte real de ouro, assim como o ‘ouro de Amau’, o ‘ouro de Punt’ e o ‘ouro de Kush’, mencionados em textos egípcios.” A obra mais renomada do rei Salomão foi a construção do templo de Jerusalém, que abrigava a Arca da Aliança, contendo as tábuas da lei que, segundo a tradição, Jeová deu a



A bula *Inter cætera*, expressão latina que em língua portuguesa significa “entre outros (trabalhos)”, foi uma bula do Papa Alexandre VI, datada de 3 de maio de 1493. Pelos seus termos, o chamado “novo mundo” seria dividido entre Portugal e Espanha.

Moisés. Para construir o templo, Salomão precisava de uma vasta quantidade de metais preciosos, como ouro e prata. Segundo o Livro dos Reis, ele obtinha esses metais no lendário “país de Ofir”, por meio de frotas lideradas por experientes navegantes fenícios que partiam do Mar Vermelho. A localização da lendária “terra de Ofir” é muito debatida. Há menções de que estaria no Alto Peru (atual Bolívia), onde se encontram as minas de prata de Potosí. O território brasileiro também é apontado como uma possível origem dessas lendárias terras.

Isso sugere que o Brasil já era considerado, naquela época, pelos judeus, como a terra da fartura e da riqueza. Mas será que os judeus daquela época teriam colonizado as terras hoje conhecidas como Brasil? Essas informações não são precisas. Existem várias teorias e, apesar

de evidências arqueológicas, não há documentos que corroborem essas afirmações. Portanto, devemos nos basear no que já está comprovado e aceito.

O LIVRO DOS DEGREDADOS

Antes da chegada dos primeiros colonizadores, nos anos iniciais do século XV, já era registrada a presença de europeus no litoral sul-americano. Alguns casos foram documentados, como desertores, degredados e naufragos. Outros, no entanto, não têm registro de como chegaram ao território brasileiro. Entre estes estariam muitos judeus perseguidos na Europa pela Santa Inquisição, que de alguma forma conseguiram chegar ao Novo Mundo. Aqui, formaram as primeiras povoações, como as primitivas vilas de São Vicente (antes da oficialização por Martim Afonso) e Cananéia, onde vi-

veu o quase lendário Bacharel de Cananea, Cosme Fernandes.

A presença judaica também é fortemente marcada na toponímia brasileira: muitos nomes de acidentes geográficos podem ser rastreados até origens hebraicas. Apesar disso, os efeitos da intolerância religiosa europeia chegaram ao Brasil colonial e prosseguiram até o século XX, como comprova a existência de cemitérios separados para protestantes e judeus no Sudeste brasileiro. Sobre esse tema, foi publicado na Revista USP n.º 41 (de março a maio de 1999) - editada pela Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade de São Paulo, na capital paulista - págs. 112 a 119.

O que sabemos com certeza, através dos registros dos Livros da Torre do Tombo, é que os primeiros degredados partiram de Portugal em 1497, chegando ao litoral Paulista em meados de 1498, provavelmente para São Vicente. O porto de São Vicente já era conhecido, pois existem registros de que navios ingleses e corsários franceses reabasteceram seus navios no porto de São Vicente em 1496. O que não sabemos com certeza é se este porto seria o porto das Naus ou o antigo porto de Piaçaguera. Segundo relatos do conhecido aventureiro Hans Staden, seria um porto indígena que recebia as mercadorias vindas da atual serra de Paranaíacaba. Esta parte da história da colonização do Brasil é um verdadeiro mistério, e como só temos evidências arqueológicas, não vou me aprofundar nas muitas teorias sobre o tema.

O que é certo pelos documentos existentes é que a região onde hoje se localizam as cidades de Itanhaém, Iguape e Cananéia foram ocupados por castelhanos. E logo que chegaram a São Vicente, grande parte dos judeus degre-

dados foram para lá. Desta forma, aliaram-se aos espanhóis contra os portugueses e dominaram a região por cerca de 40 anos. Isto fica claro ao ver e analisar os documentos do historiador Pedro Taques de Almeida Pais Leme, que mostra que antes da fundação da vila de Nossa Senhora de Itanhaém, já existia uma vila espanhola, liderada pelo castelhano João Luiz Ordonto. Mas, sem dúvida alguma, o Bacharel de Cananeia, Mestre Cosme Fernandes, foi o grande protagonista neste período. Ele dominou o vilarejo de São Vicente até a chegada de Martin Afonso de Souza em 1532. Em 1534, Martin Afonso avançou sobre os territórios portugueses ocupados pelos espanhóis, culminando com o primeiro conflito bélico das Américas, a guerra de Iguape. Após este conflito, não se tem mais nenhuma informação do Bacharel. Em Portugal, algumas vertentes históricas afirmam que Pedro Álvares Cabral teria o porto das Naus em São Vicente como seu destino final. Mas, devido às grandes avarias em suas embarcações, ele atracou no nordeste brasileiro.

Durante cerca de 35 anos iniciais da colonização do Brasil, a colonização foi basicamente realizada por judeus expulsos de Portugal. Os cristãos novos encontraram no Brasil as condições necessárias para sua sobrevivência e eventual progresso. Eles se apossaram das terras indígenas e, de maneira brutal, mataram e escravizaram grande parte das tribos existentes no litoral. Viviam como reis, adotando o poligamismo, tomaram várias índias como consorte e tiveram vários filhos com elas. Os líderes casaram-se com as filhas de chefes tribais para consolidar seu poder nas regiões dominadas. Os caboclos, fruto destas uniões, se tornaram os grandes bandeirantes que, a partir das vilas de São Vicente e Itanhaém, tornaram o

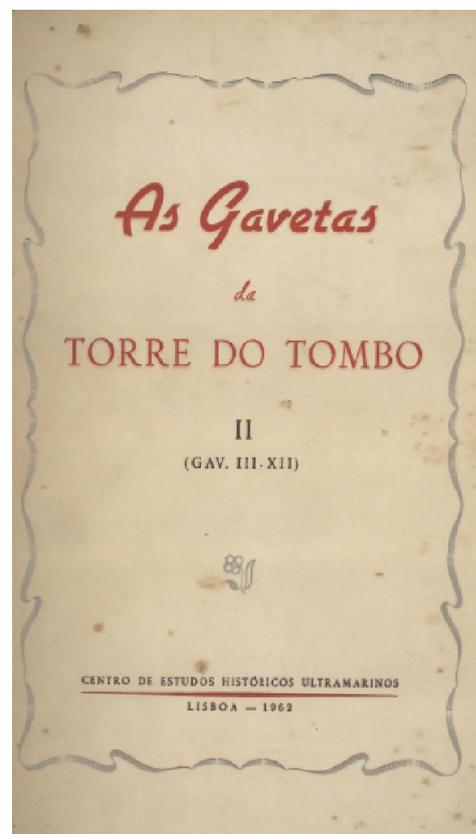
Brasil a grande nação existente hoje.

A vinda dos cristãos-novos ao Brasil, que se deu efetivamente desde os primeiros anos da colonização portuguesa, foi estudada com certa amplitude e riqueza graças aos processos inquisitoriais existentes no Arquivo da Torre do Tombo, bem como os de outros acervos documentais. Porém, se fizermos uma avaliação da pesquisa sobre o tema adotando um critério regional, veremos que poucos estudos se referem à presença de cristãos-novos no litoral paulista e, mais especificamente, na Capitania de São Vicente, excetuando-se os trabalhos fundamentais do historiador José Gonçalves Salvador. Quais seriam os motivos para a ausência de pesquisas no tocante ao território, tão importante para o desenvolvimento de São Paulo e porto de entrada para a colonização interiorana do estado? À primeira vista, nos parece que a resposta pode ser encontrada na excessiva concentração dos pesquisadores na documentação inquisitorial. Os processos referentes aos cristãos-novos são numericamente poucos, especialmente os que tratam dos judaizantes de São Vicente e da região paulista, em comparação a outras localidades. Por outro lado, sabemos que o acesso dos visitantes à região era complexo. Assim como era difícil separar a população litorânea do Planalto Paulista ou das terras de Piratininga que efetivamente subiram a serra pelo Caminho do Mar para criar o núcleo de Santo André da Borda do Campo.

Devemos aceitar e concordar com os historiadores que afirmam a imediata presença dos cristãos-novos, que receberam a concessão de explorar comercialmente o pau-brasil, como Fernando de Loronha, ou Noronha. E o papel que desempenharam na

cultura da cana-de-açúcar que foi, de início, o principal produto da economia colonial na faixa litorânea brasileira. Cristãos-novos, judaizantes ou não, degredados ou não, passaram a ser um elemento colonizador de primeira importância na terra de Santa Cruz. E, quando se deu a Primeira Visitação do Santo Ofício nos anos de 1591-95, uma boa porcentagem dos denunciados aos esbirros da Inquisição era da progênie judaica. As denúncias da Bahia, da Primeira Visitação, mencionam cristãos-novos da região de São Vicente e se especificam através da denúncia de uma Maria da Costa, na qual se afirma que Francisco Mendes era cristão-novo, morador de São Vicente e “é da geração de uns cristãos novos que chamam os Valles”.

Um Antônio do Vale, casado em Portugal com Ana Garcia, homiziou-se no Brasil por crimes praticados no Reino e foi viver em São Vicente, casando com a fi-



Capa do livro 2 da Torre do Tombo.



O misterioso João Ramalho.

lha do capitão-mor, Jerônimo Leitão. E ele aparece nas Denúncias do Santo Ofício relativas à Primeira Visitação ao Brasil. Em 1532, Martim Afonso de Souza entrou no porto em São Vicente. Dois anos após o estabelecimento das donatarias, já encontrara habitantes europeus, a figura controversa e desconhecida do Bacharel de Cananeia, com o seu clã familiar que incluía Gonçalo da Costa, Antonio Rodrigues, Duarte Peres e também a não menos controversa personalidade de João Ramalho.

Este último, sobre o qual deram-se muita tinta devido ao suposto “kaf” de sua assinatura, é mencionado na carta de Tomé e Souza dirigida ao rei d. João III, de 1º de junho de 1553, como natural de Coimbra e possuidor de uma prole abundante com muitos descendentes. O fato é que antes da chegada de Martim Afonso encontramos núcleos de popula-

ções que as fontes lembram serem como náufragos, desertores ou desterrados, além de viverem amancebados com mulheres índias, sem informar exatamente quando chegaram.

Basílio de Magalhães, na sua *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, falando da prole de João Ramalho e da geração mameluca que começou a nascer antes da chegada de Martim Afonso de Souza, localizada em Santo André, frisa desde logo ser produto do ajuntamento dos primitivos povoadores de São Vicente, Santos, São Paulo, Itanhaém, Iguape e Cananéia.

O insigne historiador observa, com ironia, que houve aqueles e lembra a J. J. Machado de Oliveira que, no seu *Quadro Histórico da Província de São Paulo*, pretendia distinguir do nome de paulistas o “nome odioso” dos mamelucos, tendo-os na conta de “mescla hí-

brida e impura”, apenas capazes de “feitos anti-abomináveis, à semelhança do que também havia de escrever sobre os produtos miscigêneos da América o etnólogo germânico Hellwald”. Basílio de Magalhães arremata dizendo que “aquele ilustre escritor não queria que se confundissem os paulistas com os seus descendentes de sangue caboclo, como se houvesse algum desdouro em aquele povo originar-se do conúbio de aventureiros e criminosos de toda espécie com as mulheres indígenas”.

É curiosa a tentativa de frei Gaspar da Madre de Deus, em suas *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente*, retrucando a Charlevoix e negando o papel dos foragidos e banidos de várias nações de terem fundado São Paulo, limitando a sua fundação apenas aos índios e jesuítas, além de João Ramalho e sua prole.

Concorda, no entanto, “que os moradores da Capitania de São Vicente, principalmente os de serra acima, se esqueceram algumas vezes das Leis Divinas e humanas, respectivas à inteira liberdade dos índios”. A questão dos mamelucos, resultado da mescla de povoadores, estava subjacente na história do beneditino, em sua tentativa de limpar a formação da Vila de Piratininga. A preocupação com “a constituição étnica do tipo paulista” parece ter ocupado a historiografia brasileira dos anos 30 (N.E.: do século XX), ocasião em que Paulo Prado escreveu sua *Paulística*, a qual Oliveira Viana contestou, em artigo no *Correio da Manhã*, com o mesmo critério historiográfico, sobre a importância do “sangue hebreu na formação antropológica de Piratininga” como sendo inferior ao de outros elementos europeus de tipo ariano. O biologismo próprio da época, que se mesclou com os ingredientes

ideológicos nazi-fascistas, provavelmente teve seu papel nesse tipo de pesquisa histórica, que, consciente ou inconscientemente, se manifestava ao se abordar a presença dos cristãos-novos no Brasil.

O que vai caracterizar a atividade dos cristãos-novos em território brasileiro no processo de povoamento e colonização é a economia açucareira que demandava a mão-de-obra escrava. Isso implicava também a participação dos mesmos no tráfico negreiro, que os portugueses vinham fazendo há muito tempo no continente africano.

A multiplicação de engenhos de açúcar que se estende do Norte ao Sul do território faz da colônia um grande centro de produção e exportador para a metrópole e todas as nações com as quais Portugal comercializava. Mas, por outro lado, apesar da sua importância, precisamos lembrar que São Paulo era um reconhecido centro de irradiação de sertanistas para a exploração e a busca de minerais preciosos e de expedições bandeirantes, que

se fizeram em busca dos mesmos, atraindo para cá indivíduos de todas as origens e lugares. O incremento maior deu-se durante o período do governador d. Francisco de Souza, ainda que aventureiros e forasteiros, na capitania, assim como em outros lugares, representassem uma parcela da população instável que se aproveitava, temporariamente, das oportunidades para amealhar certa fortuna e logo desaparecer. As Atas da Câmara de São Paulo mencionam a estes e por vezes os seus nomes aparecem em uma única menção para nunca mais serem lembrados.

O levantamento extraordinário de Pedro Taques de Almeida Paes Leme em sua Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica nos fornece uma quantidade considerável de nomes e famílias de cristãos-novos, não mencionados em seu livro como tais, porém identificados posteriormente como vítimas da Inquisição, que apesar de tudo não cessou de supervisionar a religiosidade sempre suspeita dos habitantes da colônia até os dias do marquês de Pombal.

CONCLUSÕES FINAIS

Quanto mais nos aprofundamos na pré-história e na história do Brasil, mais lacunas encontramos. No entanto, essas lacunas podem ser preenchidas com pesquisas em documentos existentes no Vaticano — “relatórios Jesuítas” —, em Portugal — “Os Livros da Torre do Tombo” — e na Holanda, nos documentos da Companhia das Índias Ocidentais. Infelizmente, parece não haver interesse em financiar tais investigações.

O Instituto Histórico e Geográfico de Itanhaém é a única instituição no Brasil que detém os 28 volumes dos Livros da Torre do Tombo, uma coleção impressionante com mais de 38 mil documentos. Estes foram transcritos pela Universidade de Lisboa de 1958 a 1975. Na coleção, é possível visualizar tanto o documento transcrito quanto os originais manuscritos. É essencial formar uma equipe bem estruturada para que a pesquisa seja produtiva, pois esses livros contêm todos os registros das navegações portuguesas do século XIV ao século XIX.

Apesar das controvérsias e da dificuldade em encontrar documentos que esclareçam tantas questões sem resposta, a história do Brasil é fascinante e possui diversas vertentes. Cabe a nós instigarmos esse encanto nas gerações futuras. Muitos pesquisadores e historiadores da atualidade já estão em idade avançada e, em sua maioria, não possuem recursos nem condições físicas para realizar as tão necessárias pesquisas de campo no Brasil.



Mapa da Cauda do Dragão. Tabula Magellanica (1635).

REVISTA ENIGMAS

NÚMERO 30 . ANO 5 - SETEMBRO DE 2023

ARTICULISTAS DESTA EDIÇÃO



JORGE LIMA

Comendador Jorge Henrique de Oliveira Lima é escritor, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Itanhaém, Presidente do Instituto Independente de Pesquisas Históricas e Arqueológicas do Brasil e Diretor de Pesquisas do Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente.



CLÁUDIO SUENAGA

Escritor com diversos livros publicados é jornalista e mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde defendeu em 1999 a primeira tese de mestrado no Brasil sobre o Fenômeno OVNI. Colaborador e consultor de diversos jornais e revistas especializadas no Brasil e no exterior.



DEMETRIO LORIN

Graduado em Física, pós-graduado em Educação Ambiental, fotógrafo e ornitólogo. Pesquisador entusiasta dos mistérios da História.

EDITOR

André de Pierre

REDATOR

André de Pierre

PRODUÇÃO DE ARTE

André de Pierre

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Mara Bruno Sperle

José Francisco de Mello

Célia Maria de Jesus

Airton Vilela

Luana Kelem

Magali Barcellos

Karine Lessa

Raphael Affonso

Tatiana Moraes

Neli Nicheli

Ailton Tsukasaki

Elias de Souza

Rosangela Martins

Mônica Daris

Leandro Barcellos

Quer ser um colaborador da Revista Enigmas?
Escreva para contato@revistaenigmas.com.br.



REVISTAENIGMAS.COM.BR

